



O Vaticano na Bienal de Veneza



Vatican Media

Em visita a Veneza, no domingo, dia 28 de abril, o Papa Francisco inaugura o pavilhão da Santa Sé na Bienal de Artes, o qual é dedicado aos direitos humanos e ao tema da marginalização

O Papa Francisco realizou uma visita à cidade de Veneza, na Itália, no domingo, 28 de abril, ocasião em que inaugurou o pavilhão da Santa Sé na Bienal de Artes. A mostra foi montada em uma prisão feminina e é dedicada aos direitos humanos e ao tema da marginalização.

Durante sua passagem pela cidade, o Pontífice presidiu missa com a participação de mais de 10 mil pessoas, reuniu-se com cerca de 80 detentas da prisão onde foi montada a instalação da Bienal e dialogou com artistas e jovens.

Aos artistas, o Papa ressaltou que a arte é capaz de unir os povos e que “educa” a ter um olhar aberto para o outro, o diferente, os pobres, um olhar “contemplativo” e não superficial.

Página 19

Qual é o verdadeiro sentido do trabalho para o ser humano?

Esta edição do *Caderno Fé e Cidadania* resalta o sentido subjetivo do trabalho como um caminho a ser trilhado por trabalhadores e empresas para a construção de um mundo mais justo e fraterno, como destacado por São João Paulo II na encíclica *Laborem exercens*, e pelo Papa Francisco na exortação *Evangelii gaudium* e na encíclica *Fratelli tutti*.

Reprodução

CADERNO ESPECIAL
Fé e Cidadania
O sentido do trabalho

Francisco Borba
Ribeiro Nelo*

Diante dos novos desafios tecnológicos, demográficos e culturais de nossa sociedade, nossas reflexões para o Dia do Trabalhador se voltam para o sentido do trabalho... Apesar das imposições e condicionamentos, será possível uma experiência que torne o trabalho cada vez mais humano, uma experiência que ilumine quais caminhos seguir para a construção de um futuro sempre mais justo e fraterno?

O mundo do trabalho está mudando e nós contemplamos, entre estardalhaços e maravilhosos os impactos das mudanças em nossa vida. Sem dúvida, na vida pessoal, os desafios parecem ser maiores do que as facilidades. Os avanços da produtividade, as novas tecnologias convivem com o empobrecimento da população, a redução dos postos de trabalho, a desigualdade salarial... Cronicamente, os dilemas tornam-se cada vez mais complexos e mais difíceis de serem resolvidos. Ao mesmo tempo que parece mais brilhante, parecemos caminhar também para um futuro cada vez mais sombrio para cada trabalhador e para cada família.

O fato é que, para aqueles que conseguem se integrar ao fluxo do progresso material e dos avanços tecnológicos, o futuro será realmente melhor. Mas, para aqueles que não conseguem, para aqueles que vivem em condições de pobreza e de insegurança, o futuro parece ser cada vez mais sombrio. Em livros e filmes, muitas distopias futuristas mostram, de forma

bilidade de realização reservada “aos de cima”.

Diante da ameaça do desemprego e da persistência do fenômeno da pobreza, as sociedades são se dividem em dois grupos: os chamados programas de renda mínima, que garantem o sustento dos indivíduos que estão à margem da sociedade, independentemente de suas atividades laborais. Mas, como lembra o Papa Francisco, os programas de assistência social não devem ser vistos como alternativa emergencial, mas sim o trabalho digno pode responder de forma humana aos problemas sociais e ao desejo de realização humana (cf. *Evangelii gaudium*).

Ao mesmo tempo, aqueles que não são bem empregados, com mais precariedade, são cada vez mais pressionados a manter o desempenho neste mundo do trabalho cada vez mais competitivo. O *homo officii*, frequentemente

OSAO PAULO
1º de maio de 2024
QR CODE

Encontro com o Pastor
‘A Igreja de Cristo tem clero, mas não é uma instituição clerical’

Página 2

Editorial
Recordemos sempre as condições para se receber a Comunhão na missa

Página 4

Inteligência artificial
O que pensa a Igreja sobre esta tecnologia e quais impactos já provoca?

Páginas 12 e 13



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Igreja, instituição clerical?

te do núcleo central do Evangelho e a Igreja anuncia de muitos modos. Também o tema do ano jubilar de 2025 está relacionado com a esperança: os cristãos são “peregrinos da esperança”, animados e atraídos pela grande esperança que nos vem do Evangelho e da obra da salvação realizada por Jesus Cristo em favor da humanidade. Como é importante manter viva a chama da esperança, não apenas na consecução de objetivos imediatos e terrenos, mas dos bens eternos.

Nesta primeira semana de maio, estão reunidos perto de Roma cerca de 400 padres representantes do clero de todos os países do mundo, convocados pela Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. Na verdade, é o Papa Francisco que quer ouvir os párocos, na preparação da 2ª. parte da assembleia do Sínodo sobre a “Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, que será realizada no próximo mês de outubro. Mesmo que, entre os membros convocados para a assembleia sinodal já haja um certo número de padres, o Papa quis que os padres pudessem dar uma contribuição mais direta para a assembleia sinodal por meio do encontro que se realiza em Roma nestes dias.

Alguém poderia questionar se esse destaque dado aos párocos não significa fazer concessões a

uma “Igreja clerical”, que o próprio Papa Francisco criticou em diversas ocasiões? De fato, porém, essa impressão seria equivocada. Antes de tudo, porque a Igreja Católica não vive sem clero, sem padres. A vocação e missão deles é essencial na animação e condução das comunidades eclesiais. Os padres exercem sua missão sacramental no seio da Igreja, nas comunidades locais, unidos aos seus bispos, como servidores do povo nos bens de Deus: o Evangelho da vida e da esperança, o perdão e a misericórdia de Deus, a vida sacramental, a organização e animação da evangelização e da caridade. Para isso, eles recebem o dom especial da imposição das mãos do bispo e a unção do Espírito Santo.

Seria um equívoco fatal pretender uma Igreja sem clero, e sem o reconhecimento do papel fundamental que os padres exercem nela. Se assim fosse, ela já não seria mais a Igreja Católica. A crítica do Papa à “Igreja clerical” refere-se a um modelo de Igreja em que tudo depende apenas do clero. Pior ainda: onde a Igreja é pensada, vista e praticada como uma instituição clerical, em que o povo dos batizados é visto e identificado como parte passiva e apenas receptiva dos serviços “da Igreja”, identificada como clero. A “Igreja clerical”, muitas vezes, também é identificada com comportamentos e atitudes despóti-

cas de clérigos, que não reconhecem nem valorizam a graça do Batismo e a dignidade de todos os membros da Igreja. No entanto, a Igreja de Cristo é o povo dos batizados, povo de Deus, agraciado com muitos dons e carismas necessários à sua vida e missão. Os membros do clero receberam um dom importante para a edificação da comunidade cristã. Mas também os leigos e leigas, os consagrados e consagradas nos diversos carismas da vida religiosa receberam dons e carismas, que precisam ser reconhecidos, incentivados e valorizados.

A Igreja de Cristo tem clero, mas não é uma instituição clerical. Precisa muito do clero, mas não para deixar os demais membros da Igreja passivos e apenas “assistidos”. A vocação e missão do clero é “servir os irmãos nas coisas de Deus”, ajudando e animando todos a viverem o seu próprio dom, quer na vida interna das comunidades cristãs, quer no imenso campo missionário que é o mundo social, econômico, político, cultural, no mundo das profissões e responsabilidades públicas. A Igreja é o povo dos batizados e ungidos pela graça do Espírito Santo para ser um povo de missionários no mundo e fazer frutificar as sementes do Evangelho e a força transformadora do Reino de Deus em todas as dimensões do convívio social.

De 24 a 30 de abril, em Aparecida (SP), realizou-se o 19º Encontro Nacional de Presbíteros, com a participação de mais de 400 padres, representando os presbíteros das dioceses de todo o Brasil. Orientados pelo tema “Presbíteros: testemunhas da esperança”, eles refletiram sobre a sua vida e missão na Igreja, acompanhados pelos Bispos da Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Durante o Encontro, os padres partilharam suas alegrias e esperanças e, também, as angústias pessoais e das comunidades onde trabalham. De fato, eles exercem sua missão nas mais diversas situações da vida do povo e da Igreja e conhecem como ninguém as coisas belas que ali existem, mas também as dificuldades do povo e os desafios bem concretos que eles próprios enfrentam no exercício de sua missão.

O tema do 19º encontro fala da esperança: “Presbíteros: testemunhas da esperança”. Trata-se da esperança cristã, que faz par-

SOLUÇÕES ECLESIAIS ORGSYSTEM

Chancelaria de Bispo

Tribunal Eclesiástico

Gestão Paroquial

Orgsmart
Captura automática de Notas Fiscais.

Orgdom
App de interação entre (Arqui)Diocese e Paroquianos.

Folha de pagamento

Gestão Financeira

Gestão Contábil

Acesse nosso site e conheça nossos produtos!

"Orgsystem, inovando sempre para melhor atendê-lo"

www.orgsystem.com.br

[Facebook.com/orgsystem/](https://facebook.com/orgsystem/)

[Instagram.com/orgsystem/](https://instagram.com/orgsystem/)

Escritório/Franca
Rua Minas Gerais 2041
Vila Aparecida - Franca-SP
14401-229
☎ 55-16 2105-666
📞 55-16 99266-895

Escritório/São Paulo
Av. Paulista 1765 7º Andar
Bela Vista, São Paulo-SP
01311-950
☎ 55-11 2450-7344
📞 55-16 99266-8613

O SÃO PAULO
SEMANÁRIO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

Mantido pela Fundação Metropolitana Paulista • Publicação semanal impressa e on-line em www.osaopaulo.org.br • **Diretor Responsável e Editor:** Padre Michelino Roberto • **Redator-chefe:** Daniel Gomes • **Revisão:** Padre José Ferreira Filho • **Administração e Assinaturas:** Maria das Graças Silva (Cássia) • **Diagramação:** Jovenal Alves Pereira • **Impressão:** OESP Gráfica • **Redação:** Rua Manuel de Arzão, 85 - Vila Albertina - 02730-030 • São Paulo - Brasil • Fone: (11) 3932-5593 - ramal 222 • **Administração:** Av. Higienópolis, 890 - Higienópolis - 01238-000 - São Paulo - SP - Brasil • Fones: (11) 3660-3700, 3760-3723 e 3760-3724 • **Internet:** www.osaopaulo.org.br • **Correio eletrônico:** osaopaulo@uol.com.br • adm@osaopaulo.org.br (administração) • assinaturas@osaopaulo.org.br (assinaturas) • **Números atrasados:** R\$ 3,00 • **Assinaturas:** R\$ 90 (semestral) • R\$ 160 (anual) • As cartas devem ser enviadas para a avenida Higienópolis, 890 - sala 19. Ou por e-mail • A Redação se reserva o direito de condensar e de não publicar as cartas sem assinatura • O conteúdo das reportagens, artigos e agendas publicados nas páginas das regiões episcopais é de responsabilidade de seus autores e das equipes de comunicação regionais.

Celebração da 71ª Páscoa da Família Forense acontece na Catedral da Sé

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Na manhã do domingo, 28 de abril, na Catedral da Sé, foi celebrada a 71ª Páscoa da Família Forense, com missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo. Participaram magistrados, servidores e demais integrantes do sistema de Justiça, entre os quais o desembargador Fernando Antonio Torres Garcia, presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP) e integrantes do Conselho Superior da Magistratura (CSM).

Dom Odilo, na homilia, recordou que o tempo pascal se estende por 50 dias, entre o Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor e a Solenidade de Pentecostes.

“Sabemos o quanto o serviço da Justiça é importante para assegurar a paz social. Que Jesus nos dê sempre sua seiva vital para produzirmos muitos frutos”, exortou.

Antes da conclusão da missa, a presidente da Comissão Preparatória da Páscoa Forense, desembargadora Mar-



Desembargadores Fernando Torres Garcia e Marcia Dalla Déa Barone saúdam Dom Odilo

cia Regina Dalla Déa Barone, agradeceu a todos os que se dedicaram para mais uma edição do evento. Já o presidente do TJSP falou sobre o impacto da celebração. “Hoje é dia de manifestar gratidão a Deus por toda a luz e amparo que nos presta a cada dia, em todas as decisões que temos de tomar, deliberando sobre a vida, a liberdade e o patrimônio das pessoas. As bênçãos do Pai são de suma importância para aqueles que labutam por uma Justiça cada vez mais justa e mais próxima ao

cidadão”, declarou o desembargador Fernando Torres Garcia. Após a missa, houve uma confraternização no Palácio da Justiça, localizado nas imediações da Catedral da Sé.

A Páscoa da Família Forense foi iniciada pelo desembargador Manuel Gomes de Oliveira, em 1952. A partir de 1961, passou a ser celebrada no Salão dos Passos Perdidos, no Palácio da Justiça, e, mais recentemente, tem ocorrido anualmente na Catedral da Sé.

(Com informações da Comunicação Social do TJSP)

Dom Edilson Silva tomará posse do ofício de Bispo Auxiliar de São Paulo no dia 12

Ordenado Bispo em 21 de abril pela imposição das mãos do Cardeal Odilo Pedro Scherer, Dom Edilson de Sousa Silva, 55, tomará posse do ofício de Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo no domingo, 12 de maio, em missa às 9h, na Catedral da Sé.

Dom Edilson foi nomeado Bispo titular de Badie e Auxiliar de São Paulo pelo Papa Francisco em 21 de fevereiro. Seu lema episcopal é “Como aquele que serve” (Lc 22,27).

Em carta endereçada aos bispos

auxiliares, padres e diáconos da Arquidiocese de São Paulo, na segunda-feira, 29 de abril, o Cardeal Scherer fez menção à missa do dia 12 e anunciou os encargos do novo Bispo Auxiliar da Arquidiocese: “Ele será encarregado como Vigário Geral e Vigário Episcopal para a Região Lapa. Convido especialmente o clero e as lideranças pastorais das paróquias da Região Lapa a estarem presentes na Catedral no dia 12 de maio”.

(por Redação)



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Atos da Cúria

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE VIGÁRIO PAROQUIAL:

Em 05/04/2024, foi nomeado e provisoriamente como **Vigário Paroquial** da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, no bairro Aclimação, Decanato São Tiago de Alfeu, Região Episcopal Sé, o **Reverendíssimo Padre Alysson Antunes de Carvalho**, até que se mande o contrário.

PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE PÁROCO:

Em 19/04/2024, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Pároco** da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, no bairro Vila Alpina, Decanato Santa Maria Madalena, Região Episcopal Belém, do **Reverendíssimo Padre Eduardo Aparecido Araújo**, pelo período de **01 (um) ano**.

PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE VIGÁRIO PAROQUIAL:

Em 18/04/2024, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Vigário Paroquial** da Paróquia São Rafael, no bairro da Mooca, Decanato Santa Maria e São José, Região Episcopal Belém, do **Reverendíssimo Padre Wagner Maria D. Barbosa, Crsp**, pelo período de **01 (um) ano**.

PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO DE ECÔNOMO:

Em 19/04/2024, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Ecônomo** da Região Episcopal Sant'Anna do **Reverendíssimo Padre Antônio Bezerra Moura**, pelo período de **03 (três) anos**.

PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE MEMBROS DA COMISSÃO REGIONAL DE ASSUNTOS ECONÔMICOS:

Em 03/04/2024, foi prorrogada a nomeação e provisão, pelo período de **02 (dois) anos**, dos seguintes membros da Comissão Regional de Assuntos Econômicos da Região Episcopal Sant'Anna:

Padre Carlos Alberto Doutel, Vigário Geral Adjunto;
Padre Antônio Bezerra Moura, Ecônomo Regional;
Padre Andrés Gustavo Marengo, Coordenador de Pastoral;
Diácono Márcio Cesena, Conselheiro;
Senhor Carlos Perpétuo Firmino, Conselheiro;
Senhor Victor Antônio Isaac Tronco, Conselheiro.

NOTA DE CONHECIMENTO:

No dia 25 de abril de 2024, festa de São Marcos, Evangelista, foi aprovado, por Sua Eminência Reverendíssima o Cardeal Odilo Pedro Scherer, o **Regimento Interno da Associação Privada de Fiéis de Direito Diocesano Servas de Nossa Senhora da Alegria, “Ad Experimentum”**, por **05 (cinco) anos**.



AM 1600kHz **RÁDIO 9 DE JULHO**

Na segunda-feira, 6, às 19h, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo (Viaduto Jacareí, 100, Bela Vista), acontecerá a Solenidade em Homenagem aos 25 anos da rádio **9 de Julho**, emissora da Arquidiocese de São Paulo. Já no dia 12, no Domingo da Ascensão de Jesus, haverá, em todas as missas na Arquidiocese, a coleta em prol da rádio. Saiba mais detalhes em <https://radio9dejulho.com.br>.



Na manhã do sábado, 27 de abril, o Cardeal Odilo Pedro Scherer reuniu-se com os diáconos permanentes da Arquidiocese de São Paulo no Centro Pastoral São José, no Belenzinho. Ele falou sobre a organização pastoral da Arquidiocese e ressaltou a contribuição do ministério diaconal nas comunidades.

Editorial

Eucaristia

A Eucaristia, na famosa expressão do Vaticano II, é “a fonte e o ápice de toda a vida cristã” (*Lumen gentium* 11), mas o que significam essas belas palavras? Imaginemos um pouco o que seria de nossa santa religião se Cristo não nos tivesse deixado a Eucaristia.

Os Evangelhos continuariam sendo um grande tesouro, contando-nos sobre a vida e os ensinamentos de Jesus – mas, no fundo, correria o risco de serem percebidos por muitos apenas como uma série de relatos sobre uma pessoa ilustre que viveu e morreu há muito tempo. O Cristianismo seria simplesmente a memória de um grande homem, e só poderia oferecer consolações humanas a corações que têm sede do Divino.

Nosso bom Senhor, no entanto, não era um simples homem – Ele também era o próprio Deus. E, por isso mesmo, quando trouxe a Vida divina ao mundo, Ele quis que esta Vida se perpetuasse de formas mais profundas que pelo mero relato de suas atitudes e ensinamentos. Jesus Cristo entrou em nosso

mundo pela manjedoura, mas não foi embora pela Cruz: mesmo depois do Calvário, Ele quis continuar fisicamente presente conosco pela Eucaristia *todos os dias, até o fim do mundo*.

Aqui nos aproximamos do sublime transbordamento de amor com que Jesus escolheu deixar-nos a Eucaristia. Cada vez que um sacerdote católico validamente ordenado toma coisas tão simples como pão e vinho e pronuncia sobre elas as palavras da Santa Ceia, aquelas ofertas se mudam no verdadeiro Corpo e Sangue de Cristo! Se pensarmos bem, quando comungamos, estamos tocando fisicamente no corpo humano de Jesus Cristo – mais até do que aquela hemorroísa, que foi milagrosamente curada ao tocar no manto do Senhor.

O Beato Carlo Acutis entendia esta doutrina sublime de nossa fé, e por isso é que quando seus pais lhe propuseram uma peregrinação à Terra Santa, ele respondeu que não tinha necessidade de ver os lugares onde um dia Jesus andou dois mil anos atrás, pois podia encontrar-se diretamente com Jesus vivo, na missa mais próxima de sua casa.

Este é o grande desejo de Jesus, ao instituir a Sagrada Eucaristia: que todos nós aceitemos seu convite de amor, e entremos em comunhão com Ele – mas essa comunhão tem que ser sincera, e envolver um sim verdadeiro a Deus! Para ser cristão, não basta dizer “Senhor, Senhor!” (cf. Mt 7,21), tampouco simplesmente meter-se nas filas de comunhão: é preciso também se esforçar para viver os mandamentos, e abrir-se com humildade aos ensinamentos que Cristo confiou à Igreja.

São Paulo, o grande Apóstolo dos Gentios, que assumiu como missão de vida anunciar Jesus a todos os povos, sem distinção de raça, etnia e cultura, nos alertava que a Comunhão Eucarística não era um mero ritual exterior, mas que supunha integridade de vida: “Que cada um se examine a si mesmo... Aquele que comer o pão ou beber o cálice sem distinguir o corpo do Senhor, come e bebe a sua própria condenação” (cf. 1Cor 11,27-29).

Comunguemos, portanto, com toda a humildade e reverência, dizendo aquele belo hino eucarístico de 700

anos, musicado por Mozart, o famoso *Ave Verum*: “Salve, verdadeiro Corpo nascido da Virgem Maria, verdadeiramente submetido à Paixão, e imolado na Cruz pelos homens, de cujo lado perfurado fluíram água e sangue; sede para nós uma antecipação do Céu na provação da morte. Ó Jesus doce, ó Jesus piedoso, ó Jesus, filho de Maria!”

Contudo, não nos esqueçamos das condições necessárias para se receber a comunhão na missa, a saber: ter recebido a devida preparação por meio da catequese; estar em estado de graça, ou seja, sem pecados mortais na alma que não tenham sido ainda confessados no sacramento da Penitência; confessar-se ao menos uma vez ao ano; ser assíduo nas missas dominicais; e, principalmente, SER CATÓLICO e professar a Fé da Igreja manifesta e explicitada na oração do Credo em que consta, entre outros, a fé na Santíssima Trindade, em Jesus como Deus e Homem verdadeiro, na instituição divina da Igreja Una, Santa Católica, Apostólica, na RESSURREIÇÃO DA CARNE, entre outros artigos.

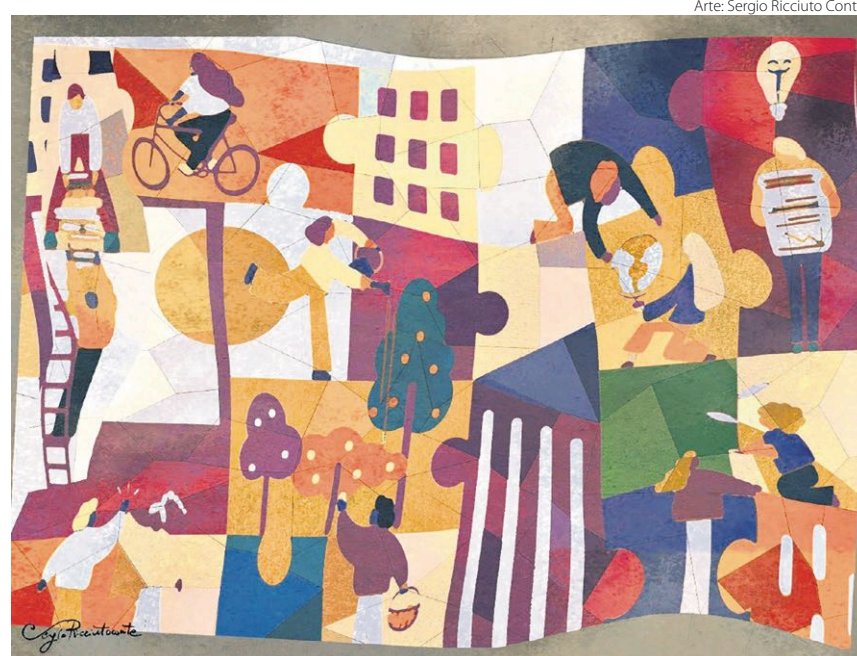
Opinião

Luzes e sombras do 1º de maio

PADRE ALFREDO JOSÉ GONÇALVES, CS

Nas últimas décadas, o dia 1º de maio evoca uma série de expressões ambíguas. São elas, a reforma trabalhista, flexibilização, terceirização, uberização... Longe de representar avanços na existência dos trabalhadores, revelam, ao contrário, certa precariedade progressiva em termos de relações de trabalho. Em vez de melhor bem-estar, trazem insegurança, incerteza, instabilidade, inquietude. Sabemos que o prefixo “in” designa algo negativo, tanto em relação ao emprego quanto ao sustento da família. O filósofo Hegel se referia a esse prefixo como a fissura para a dinâmica dialética das mudanças.

Por que isso? A verdade é que, desde a década de 1970, o sistema capitalista de produção amarga uma crise prolongada, com altos e baixos. Diante disso, em nível nacional e internacional, como compensar as perdas? Por meio de fusões de empresas e formação de conglomerados; pela instalação de unidades de produção nas quais é mais abundante a matéria-prima; por meio do crescente engajamento do pessoal empregado!... Mas a pior delas consiste na tentativa de jogar sobre os ombros dos trabalhadores o ônus dos encargos sociais,



o que aumenta o bônus da empresa, juntamente com o lucro e a acumulação de capital.

Disso resulta que os direitos adquiridos, longamente conquistados pela luta sindical ou pela legislação trabalhista, acabam se reconvertendo em mercadoria. E esta, como todo produto, deve ser comprada e paga. O trabalhador passa então a arcar com a própria Previdência Social, com os gastos relativos à aposentadoria e outros benefícios do chamado Estado de bem-estar social. Tanto que, nos dias

atuais, dispor de um emprego estável e bem remunerado é um luxo para uma minoria privilegiada. Grande parte dos empregos disponíveis não passa de serviços efêmeros, temporários e instáveis. Daí o aumento do trabalho informal ou análogo à escravidão.

Certo, alguns milhares de carteiras assinadas surgem a cada ano. Isso não basta, porém, para dar conta da mão-de-obra que anualmente chega ao mercado. Nessa desesperada busca por trabalho, os mais vulneráveis acabam sendo as mulheres e os jovens sem ex-

periência, mas igualmente as crianças e os migrantes. Um país fornecedor de carne, minério de ferro, grãos, madeira e outros produtos primários gera poucos postos de trabalho. É a manufatura que emprega. Historicamente, trata-se de uma produção quase que extrativista. Gera mais empregos nos países desenvolvidos do que trabalho estável em território nacional.

Semelhante cenário explica o crescimento do desemprego e da procura por “bicos” da população de rua, e a migração em massa. Explica também o discurso do empreendedorismo. Se é verdade que ele pode alavancar o indivíduo e sua família, também é certo que, em muitos casos, representa uma espécie de autoexploração. Basta constatar o que ocorre muitas vezes com os entregadores motociclistas e os motoristas de veículos por aplicativos. Qualquer coisa que aconteça, mesmo durante o trabalho, são eles que devem arcar com todos os gastos, sem qualquer segurança por parte das empresas. O desafio aqui é fazer daqueles “in” negativos que vimos acima, portas de entrada para a tomada de consciência, a organização e a mobilização.

Padre Alfredo José Gonçalves, CS, é sacerdote da Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos e vice-presidente do SPM/CNBB (Serviço Pastoral dos Migrantes)

Espiritualidade

‘Não é este o filho do carpinteiro?’ (Mt 12,55)



**DOM CÍCERO
ALVES DE FRANÇA**
BISPO AUXILIAR DA
ARQUIDIOCESE NA
REGIÃO BELÉM

O dia 1º de maio é popularmente conhecido como Dia Mundial do Trabalho e neste dia, para nós, católicos, encontra-se a personificação típica de Cristo, o qual quis ser classificado, na vida humana como “filho do carpinteiro” (Mt 13,55) e ser Ele próprio o trabalhador que, suportando o cansaço físico e manual, viveu a obediência àquele que, no estado civil, fazia as vezes de Seu pai (putativo) e, no ofício, de Seu mestre, São José. O texto evangélico especifica o tipo de trabalho, mediante o qual José procurava garantir a sustentação da família: o trabalho de carpinteiro. Esta simples palavra envolve toda a extensão da vida de José. Para Jesus, este período abrange os anos da vida oculta, de que fala o evangelista. Esta “submissão”, ou seja, a obediência de Jesus na casa de Nazaré é entendida também como participação no trabalho de José. Aquele que era designado como o “filho do carpinteiro” tinha aprendido o ofício

de seu “pai”. Se a família de Nazaré, na ordem da salvação e da santidade, é exemplo e modelo para as famílias humanas, o é, também, analogamente o trabalho de Jesus ao lado de José carpinteiro. Graças ao seu banco de trabalho, junto do qual exercitava o próprio ofício juntamente com Jesus, José aproximou o trabalho humano ao mistério da Redenção (*Redemptoris custos*, RC 22).

O Salvador da humanidade quis ser trabalhador, estar sujeito à humildade e à fadiga do trabalho manual, deixando claro, assim, a sua humanidade na sua expressão mais simples e primitiva, mais natural e mais necessária, aquela que a vida do homem está destinada: o trabalho, expressão de amor na vida da família de Nazaré. Somos, dessa forma, convidados a honrar o trabalho, que vemos assumido na escola de São José e por Nosso Senhor Jesus Cristo como algo digno e importante, estabelecido por Deus criador para a vida do homem, de modo que cuidassem de tudo que lhes fora disposto no dia da criação (Gn 1,28).

Sendo assim, o trabalho se torna fundamental para a dignidade de uma pessoa e nos torna semelhantes a Deus: o homem, ao fazer o trabalho, deve imitar Deus, seu Criador, porque traz em si — e somente ele — este singular elemento de semelhança com Ele. O homem deve imitar Deus quando trabalha, assim como

quando repousa, dado que o mesmo Deus quis apresentar-lhe a própria obra criadora sob a forma do trabalho e sob a forma do repouso. E esta obra de Deus no mundo continua sempre, como o atestam as palavras de Cristo: “Meu Pai trabalha continuamente” (Jo 5,17) e nos dá a capacidade de contribuir para o crescimento da nação. Por isso, é pelo trabalho, também, que nos deparamos com o plano de amor de Deus que deseja que todos encontrem o pão cotidiano para se sustentar.

A consciência do trabalho e da sua dignidade deve levar a humanidade a crer, portanto, que ao exercer tal ofício, se participa na obra de Deus e isso deve impregnar todo o labor diário, prolongando a obra do Criador, no serviço aos irmãos e numa contribuição pessoal para a realização do plano providencial de Deus na história (cf. *Gaudium et spes*, GS 34). Essa verdade é, também, proclamada por Jesus que trabalhava, de modo que as obras do Evangelho se espalhassem: o suor e a fadiga, que o trabalho comporta necessariamente na presente condição da humanidade, proporcionam aos cristãos e a todo o homem, dado que todos são chamados a seguir a Cristo, a possibilidade de participar no amor à obra que o mesmo Cristo veio realizar (cf. Jo 17,4). Esta obra de salvação foi realizada por meio do sofrimento e da morte de cruz. Su-

portando o que há de penoso no trabalho em união com Cristo crucificado por nós, o homem colabora, de algum modo, com o Filho de Deus na redenção da humanidade. Mostrar-se-á como verdadeiro discípulo de Jesus, levando também ele a cruz de cada dia (Lc 9,23) nas atividades que é chamado a realizar (*Laborem exercens*, LE 27).

No trabalho humano, o cristão encontra uma pequena parcela da Cruz de Cristo e aceita-a com o mesmo espírito de redenção com que Cristo aceitou por nós a sua Cruz. E, graças à luz que, emanando da Ressurreição do mesmo Cristo, penetra em nós, descobrimos sempre no trabalho um vislumbre da vida nova, do novo bem, um como que anúncio dos “novos céus e da nova terra” (Ap 21,1).

O cristão, portanto, que está atento em ouvir a Palavra do Deus vivo, unindo o trabalho à oração, deve procurar saber que lugar ocupa o seu trabalho não somente no progresso terreno, mas também no desenvolvimento do Reino de Deus, para o qual todos somos chamados pela potência do Espírito Santo e pela palavra do Evangelho. Peçamos a São José Operário que encontremos vias nas quais nos possamos comprometer e até dizer: nenhum jovem, nenhuma pessoa, nenhuma família sem trabalho, mas todos com um trabalho digno e justo.

Comportamento

Na civilização do espetáculo, basta sermos fermento!

ALECSANDRO A. DE SOUZA

Nos ensaios publicados no livro “A civilização do espetáculo – uma radiografia de nosso tempo e da nossa cultura”, de 2012, o escritor peruano, Prêmio Nobel de Literatura, Mario Vargas Llosa, escreve:

“Assim como tenho a firme convicção de que o laicismo é insubstituível numa sociedade realmente livre, **com não menos firmeza acredito que, para ser livre, é igualmente necessário que na sociedade prospere uma intensa vida espiritual – o que para a grande maioria significa vida religiosa** –, pois, caso contrário, as leis e instituições, por mais bem concebidas que sejam, não funcionam cabalmente e muitas vezes se deterioram ou se corrompem”.

“A cultura democrática não é feita apenas de instituições e leis que garantam equidade, igualdade perante a lei, igualdade de oportunidades, mercados livres, justiça independente e eficaz, o que implica juízes probos e capazes, pluralismo político, liberdade de imprensa, sociedade civil forte, direitos humanos. É

feita, também, e sobretudo, da convicção arraigada entre os cidadãos de que esse sistema é o melhor possível e da vontade de fazê-lo funcionar”.

Mario Vargas Llosa é um escritor cativante. Em muitos temas, entretanto, divergimos e, em outros, temos uma profunda convergência. No entanto, é justamente o saudável contraditório que nos aproxima. Sua literatura é sincera e, apesar de se professar como “não crente” – o que obviamente rezo para que a graça de Deus lhe toque o coração –, escreve como lemos acima com o rigor típico dos pensadores livres, inclusive das patrulhas atuais que reivindicam a tolerância para suavizar, de forma eufemística, suas posições muitas vezes totalitárias.

“Ao contrário do que imaginavam os livres-pensadores, agnósticos e ateus dos séculos XIX e XX, na era pós-moderna a religião não está morta e enterrada nem foi posta no desvão das coisas impresentáveis: **está viva e ativa, ocupando um lugar central na atualidade**”, como foi capaz de reconhecer o escritor.

Interessante observar a leitura sobre a cultura democrática e a conclusão a que

chega sobre a necessidade de uma **vida espiritual intensa** para que ela possa funcionar, “pois caso contrário, as leis e instituições, por mais bem concebidas que sejam, não funcionam cabalmente e muitas vezes se deterioram ou se corrompem”.

Quiçá muitos de nós católicos, ao lermos esse texto de Vargas Llosa, reconhecamos a proximidade do Evangelho e os ensinamentos do Magistério e da Tradição da Igreja da Católica.

São João Paulo II na encíclica O Esplendor da Verdade – *Veritatis splendor* (VS), publicada em 1993, apontava o **“risco da aliança entre democracia e relativismo ético, que tira à convivência civil qualquer ponto seguro de referência moral, e, mais radicalmente da verificação da verdade. [...] Uma democracia sem valores converte-se facilmente num totalitarismo aberto ou dissimulado, como a história demonstra”** (VS 101).

De fato, a Igreja *“está viva e ativa, ocupando um lugar central na atualidade”*. Afinal, vivemos a convicção expressa pelo próprio Cristo Jesus, Nosso Senhor,

nas últimas linhas do Evangelho segundo São Mateus: **“Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”** (Mt 28,19-20).

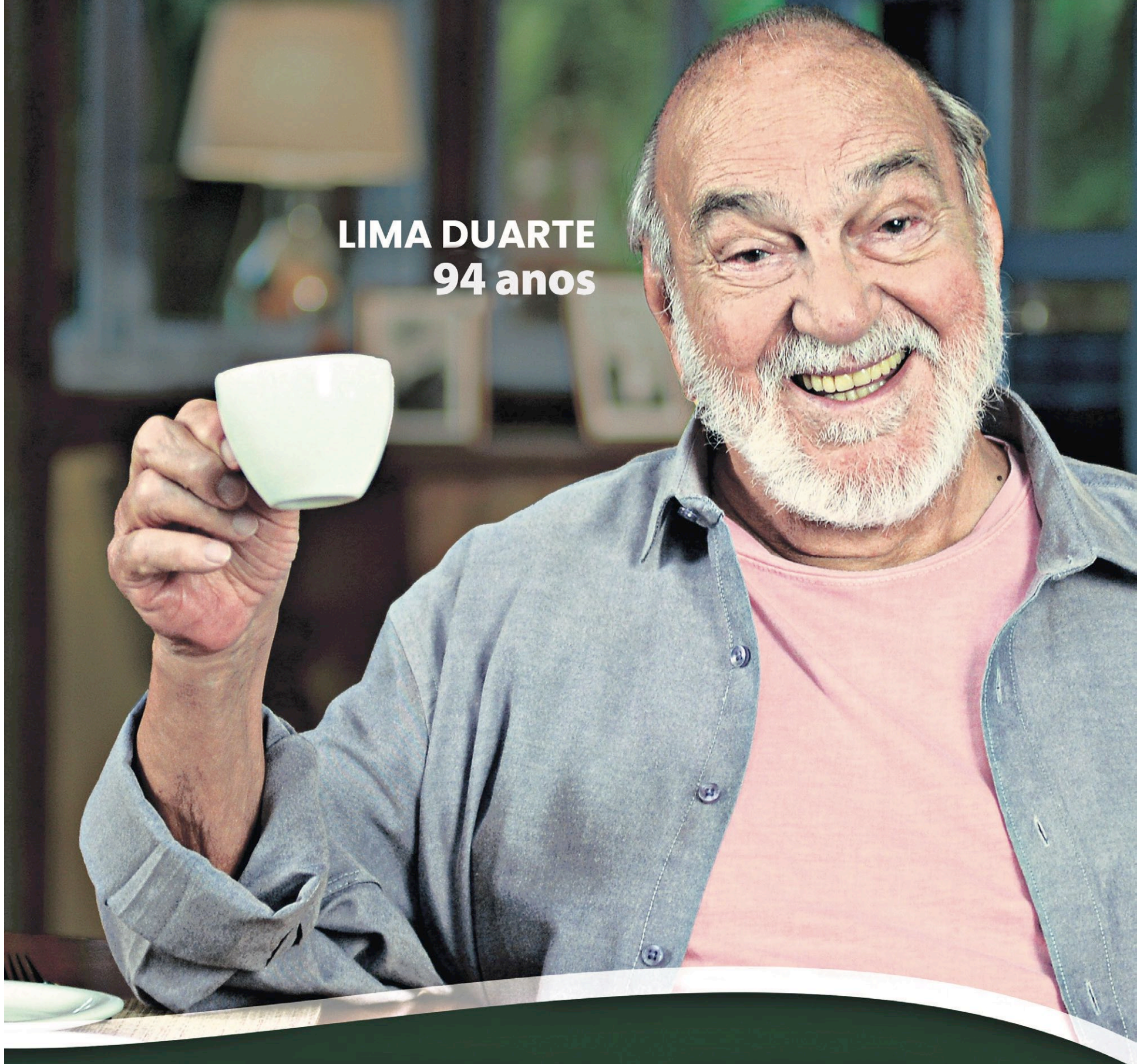
O escritor Ariano Suassuna dizia: *“Não devemos ter vergonha de sermos considerados arcaicos por expressar a nossa Fé Católica”*. Logo, a resposta a essa **civilização do espetáculo**, “em que o primeiro lugar na tabela de valores vigentes é ocupado pelo entretenimento, em que divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal”, continua aquela descrita pelo apóstolo São Paulo à sociedade romana: **“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito**, para que podais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito” (Rm 12,1-2).

Um segredo em voz alta, dizia São Josemaría Escrivá, “estas crises mundiais são crises de santos. Deus quer um punhado de homens ‘seus’ em cada atividade humana”. Somos chamados a ser sal, luz e fermento no mundo!

Alecsandro A. de Souza é administrador de empresas

**SIDNEY[®]
OLIVEIRA**

**LIMA DUARTE
94 anos**



VITALION

Uma linha de vitaminas que melhora a **disposição**,
aumenta a **imunidade** e a **longevidade**.

Com a alta da dengue na capital paulista, aumenta a espera por atendimentos em saúde

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Com vômito, diarreia e febre, Dayane Oliveira procurou a AMA Vila Barbosa, na zona Norte da capital paulista, em 12 de abril. Fez o teste rápido para dengue e o resultado foi negativo. Os sintomas persistiram e ela foi ao Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha no dia seguinte, sendo medicada para uma virose. Sem melhora significativa, procurou a UBS Vila Ramos no dia 16, quando, então, foi diagnosticada com dengue. “Fiquei cerca de cinco horas aguardando atendimento. Estar com dengue com essa espera é uma tortura”, afirmou.

O número de pessoas com dengue na capital paulista está em expansão. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), nas 17 primeiras semanas epidemiológicas deste ano, foram 220.029 casos da doença, com 105 óbitos confirmados. Neste mesmo período em 2023, foram 7.496 registros. A alta é de 2.935%. Todos os 96 distritos da cidade estão em situação de epidemia, quando há mais de 300 casos a cada 100 mil habitantes.

“O aumento nos casos de dengue está relacionado a diversos fatores, entre eles, as condições climáticas favoráveis, como o fenômeno *El Niño* que manteve as temperaturas elevadas no inverno de 2023, criando assim condições mais propícias para a reprodução do mosquito *Aedes aegypti*, aliado ao acúmulo de inservíveis em locais inadequados e a pluviosidade do período, gerando assim locais propícios para a oviposição e aumento da população [de mosquitos]. Outro ponto que podemos citar é que a suscetibilidade da população à dengue é influenciada por vários fatores, incluindo a exposição prévia ao vírus. Ou seja, indivíduos que já foram infectados por um sorotipo específico do vírus da dengue desenvolvem imunidade a esse sorotipo, mas ainda podem ser suscetíveis a outros sorotipos”, detalhou a SMS em nota à reportagem.

QUANDO É HORA DE BUSCAR ATENDIMENTO?

Igor Marinho, infectologista da Rede de Hospitais São Camilo de São Paulo, explicou ao **O SÃO PAULO** que o sintoma característico da dengue é a febre persistente e que o diagnóstico da doença ocorre quando também há ao menos dois destes outros sintomas: cefaleia, dor nas articulações, dor muscular, dor atrás dos olhos, dor abdominal, náuseas e manchas na pele. Diante dessas condições, é recomendável que a pessoa procure atendimento médico, e deve fazê-lo o quanto antes se já apresentar “sinais de alarme” ou “sinais de gravidade” da doença.

“São sinais de alarme: pequenos sangramentos na gengiva ou em mucosas; dor abdominal e náuseas que não melhoram com medicações simples; rebaixamento de nível de consciência ou



Cidade acumula mais de 220 mil casos de dengue; epidemia é constatada em todos os 96 distritos

agitação mental; e febre persistente. Já os sinais de gravidade são: sangramento em grande quantidade, incluindo nas fezes e na urina; queda na pressão arterial e perda do nível de consciência, como desmaios”, detalhou o infectologista, enfatizando que nestes casos jamais a pessoa deve se automedicar com anti-inflamatórios, como o ibuprofeno, pois estes podem piorar a função renal, ou com o ácido acetilsalicílico (AAS), que aumenta o risco de sangramento.

PARA ONDE IR?

Nem sempre quem está com sintomas da dengue e procura uma UPA (unidade de pronto atendimento), AMA ou pronto-socorro de um hospital recebe o atendimento esperado.

“Na UBS onde eu trabalho, tem chegado muita gente que diz ter ido antes a uma AMA, UPA ou PS de hospital com os sintomas da doença, aguardado de sete a oito horas para ser atendido, e que

COMO SE PRECAVER?

A melhor estratégia para combater o *Aedes aegypti* e, assim, conter o avanço da dengue, é eliminar os possíveis criadouros do mosquito, ou seja, lugares e recipientes que possam acumular água. No *site* do jornal **O SÃO PAULO** há um material explicativo a respeito: <https://osaopaulo.org.br/brasil/todos-juntos-no-combate-ao-aedes-aegypti>.

te em UBS”, recordou Antônio. Dias depois, o casal e uma das filhas foram diagnosticados com a doença.

Em nota à reportagem, a Secretaria Estadual da Saúde informou que o Hospital Geral de Taipas “seguiu o protocolo vigente para o atendimento de pacientes com sintomas de dengue” e explicou que diante dos sintomas clássicos da doença, “o manejo clínico de urgência prima pela estabilização do paciente, utilizando medicações analgésicas, antitérmicas e com abundante hidratação. A utilização do protocolo médico depende apenas da sintomatologia e da constatação de evidências clínicas, sem a necessidade de realização de testes rápidos, pois eles podem apresentar resultados falso-negativos nos três primeiros dias da doença, devido à janela sorológica, ou seja, o resultado negativo não descarta a dengue”. Ainda segundo a Secretaria, “o controle epidemiológico se apresenta como atividade sob a regência municipal e o exame de teste rápido não deve ser utilizado para o manejo clínico. Não há motivo técnico para que uma unidade hospitalar estadual realize este exame. Contudo, todos os casos sintomáticos são valorizados e tratados como possibilidade de dengue e são notificados conforme preconizado pelas portarias técnicas vigentes”.

AS AÇÕES DA PREFEITURA PARA O COMBATE À DENGUE

Em nota à reportagem, a Secretaria Municipal de Saúde informou que tem feito ações diárias de combate ao *Aedes aegypti* e que aumentou de 2 mil para 12 mil o número de agentes nas ruas, tendo já realizado mais de 5,3 milhões de ações como visitas e vistorias a imóveis, bloqueios de criadouros do mosquito e nebulizações.

A SMS informou ainda que oferece atendimento e assistência a pacientes com sintomas de dengue em 47 tendas pela cidade e que “as unidades de saúde municipais realizam atendimento a pacientes que apresentam sintomas da dengue, como febre alta, dores no corpo e articulações, dor atrás dos olhos, mal-estar, falta de apetite, dor de cabeça e manchas vermelhas no corpo, e estão abastecidas com testes rápidos para a doença, que são feitos conforme avaliação clínica”. Assegurou também que todas as UBSs, AMAs, UPAs e PSs “estão devidamente preparados para prestar atendimento a casos suspeitos de dengue”. Ainda de acordo com a Secretaria, “o tempo de permanência nos equipamentos de saúde pode variar de caso a caso, a depender da demanda diária da unidade e das necessidades terapêuticas de cada paciente”.

A Secretaria informou também que crianças e adolescentes de 10 a 14 anos, que moram ou estudam na capital paulista, já podem se vacinar contra a dengue, sendo que mais de 108 mil doses do imunizante foram aplicadas até o dia 25 de abril.

In Altum prepara jovens católicos para que sejam líderes que testemunham a fé no cotidiano

FORMAÇÃO É REALIZADA NO VERÃO NO HEMISFÉRIO NORTE, EM WASHINGTON D.C., NOS ESTADOS UNIDOS. AINDA HÁ VAGAS PARA OS MESES DE JUNHO E JULHO

CLINTON AUTO DO ESPÍRITO SANTO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Com a missão de encontrar, formar e conectar os melhores jovens talentos católicos do mundo por meio de programas de formação de verão em Washington D.C., nos Estados Unidos, surgiu em 2018 o *In Altum*, também com vista ao enriquecimento profissional e espiritual dos seus participantes.

Desde então, aproximadamente 650 pessoas, de mais de 35 países de todos os continentes, participaram da iniciativa.

O principal objetivo do programa é encontrar os melhores jovens talentos e lideranças católicas, entre 18 e 30 anos de idade, treiná-los, gerar *networking* e, então, valorizar as carreiras e vocações dos participantes para que possam ser líderes com impacto real em suas próprias comunidades.

Segundo Jimena Sánchez, diretora de admissões do programa, o *In Altum* é uma experiência completa de crescimento profissional e espiritual. Não se trata apenas de adquirir conhecimentos técnicos, mas também de integrar a fé católica em todas as áreas da vida. Os participantes são desafiados a refletir sobre como podem dar testemunho de sua fé em seus ambientes profissionais, inspirando outros e contribuindo para um mundo mais ético.

Juan José, diretor executivo do programa, destaca a importância da tradição intelectual católica e como o *In Altum* aborda questões sociais contemporâneas.

O objetivo é que, tendo participado do programa, os egressos possam dar frutos. Para tal, eles recebem uma série de oportunidades de trabalho e estudo: cartas de recomendação, contato com outras organizações e ex-alunos e até programas especializados para acessar oportunidades de doutorado nos Estados Unidos.

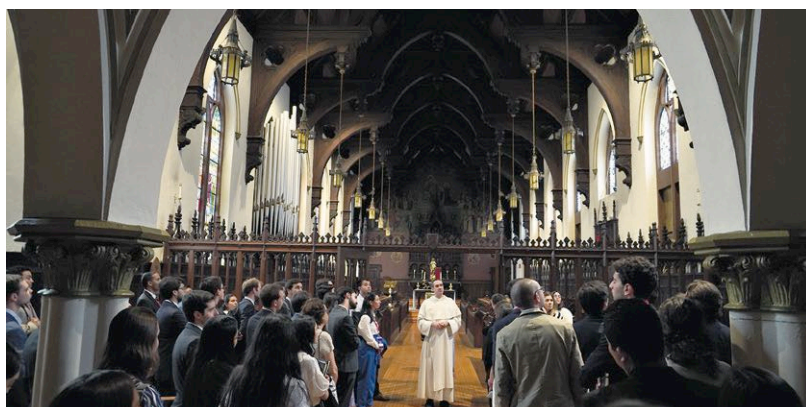
FASES

O programa está dividido em três partes. A primeira consiste em conversas com pensadores, palestrantes e intelectuais católicos dos Estados Unidos sobre os desafios contemporâneos a partir de uma perspectiva expressamente católica sobre a família, vida, bioética, economia, amizade, tecnologia, comunicação etc.

Também são proporcionados espaços de diálogo menores nos quais os participantes comparam experiências, opiniões e impressões com seus pares com base nas palestras.



Fotos:Arquivo pessoal



Por fim, eles visitam diferentes organizações em Washington D.C. para entender melhor o que os líderes têm feito em favor da família, da vida, da liberdade religiosa etc. Entre os locais visitados estão a Casa Branca, o Capitólio, a Suprema Corte Americana, a Galeria Nacional.

IMPACTO NAS COMUNIDADES

O *In Altum* é um programa católico desde a sua concepção: há missas diárias, todas as palestras são baseadas na tradição intelectual da Igreja e na fidelidade ao Magistério, e se busca que a experiência seja, ao mesmo tempo, intelectual e espiritual, um chamado para viver com coragem e entusiasmo a vocação no mundo e nas diferentes realidades.

Ao concluir o programa, os participantes são incentivados a causar um impacto real em suas comunidades, revigorados em sua fé e com uma rede de amigos genuínos em quem se apoiar, unidos em Cristo.

Alguns dos ex-alunos hoje lideram iniciativas. Julián Hoyos, de Medellín, na Colômbia, criou e dirige a Fundação Conciudadanos, que se dedica a impactar a cultura e a transformação política inspirada na Doutrina Social da Igreja.

Fer Hernandez, do México, é uma influenciadora católica (@tan.cercademi) que tem mais de 150 mil seguidores no Instagram.

Pablo Proaño, de Quito, no Equador, é coordenador geral de Dignidade e Direito e tem se engajado na defesa da vida contra a eutanásia em seu país.

José Freire Nunes, paulista, participou do *In Altum* pela primeira vez em 2018. Depois, em 2022, esteve como líder de grupo e levou cerca de dez brasileiros para participar do programa e visitar outras partes dos Estados Unidos. Ele cursou o mestrado em Direitos Humanos na Universidade Católica da América, em Washington D.C.

O *In Altum* tem parceria com o Instituto de Ecologia Humana (que lidera o mestrado em Direitos Humanos) e todos os ex-participantes que são aceitos no programa de mestrado recebem uma bolsa adicional. José Freire agora faz o doutorado em Filosofia Política na Universidade Católica da América.

COMO PARTICIPAR?

Ainda há vagas para participar do *In Altum* nas seguintes datas: 17 de junho a 23 de junho; e de 16 de julho a 22 de julho.

Jimena explica que o processo de candidatura é realizado pelo [site www.inaltumprogram.org/apply](http://www.inaltumprogram.org/apply). A pessoa interessada deverá preencher um formulário em inglês, anexar o seu CV (que pode ser em português) e depois gravar uma entrevista em vídeo numa plataforma própria do programa. Se for aceita, receberá um e-mail de confirmação e deverá pagar a taxa de inscrição. Recomenda-se que a pessoa não pague a taxa até que tenha todas as autorizações legais necessárias para viajar para os Estados Unidos, já que este valor não é reembolsável.

Para se candidatar, basta ter de 18 a 30 anos e atender a estas três condições:

- ✓ Ser católico e querer viver sua fé com compromisso e dedicação;
- ✓ Falar e entender inglês;
- ✓ Ter demonstrado excelência em alguma área de sua vida (não necessariamente precisa ser acadêmico). Ou seja, ter querido dar mais de si em alguma área da sua vida: pode ser academicamente, artisticamente, nas redes sociais, no serviço social, no desporto etc.

Todos os candidatos aceitos recebem uma bolsa que equivale a cerca de 70% do custo do programa e que inclui hospedagem (sete dias e seis noites), a maior parte das refeições e o próprio programa. Não estão inclusos: transporte para Washington D.C. nem dentro de Washington, vistos ou autorizações legais, refeições

descobertas ou seguro de saúde correspondente. Os restantes 30% deverão ser pagos por cada participante e custam 299 dólares, a título de taxa de inscrição.

POR QUE FAZER O IN ALTUM?

“Vivemos hoje num mundo que tenta nos fazer acreditar que a realidade que nos rodeia, uma criação de Deus, é incompatível com a nossa fé e as nossas convicções ou que a verdade simplesmente não existe. Como cristãos, somos chamados a ser testemunhas da Verdade (com letra maiúscula) que não só podemos conhecer, mas é uma Pessoa que transformou as nossas vidas. O apelo do programa aos seus participantes é que sejam testemunhas de Cristo em todos os ambientes: sim, na Igreja, mas também no hospital, no quartel, no escritório e na academia; para assim reconhecerem que necessitamos constantemente da ajuda da graça, da comunidade que nos fortalece e da formação que nos permite ver as pessoas, o nosso trabalho e a realidade com os olhos dessa Graça”, comentam os promotores do curso.

No *In Altum*, os jovens compartilham do mesmo desejo: crescer profissional e intelectualmente, mas também aprofundar a comunhão dos cristãos e o amor de Cristo, que salva e fortalece. É também uma oportunidade como poucas para a construção de amizades verdadeiras a partir de alguém que seja modelo de amizade, num tempo de individualismo e egoísmo, permitindo gerar verdadeira comunhão e relações entre pessoas que não se conheceriam.

Para mais informações, siga o *In Altum* no Instagram (@inaltumprogram) ou entre em contato com Juan José (juan.j@inaltumprogram.org) ou Jimena (jimena.s@inaltumprogram.org).

Há grande interesse por parte da organização de que mais brasileiros participem do programa.

Portugal

Presidente reconhece necessidade de reparações por crimes coloniais

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

Em um evento com correspondentes estrangeiros no dia 23 de abril, o presidente lusitano Marcelo Rebelo de Sousa disse que Portugal foi responsável por crimes cometidos durante a escravidão transatlântica e a era colonial, e sugeriu a necessidade de reparações.

Durante mais de quatro séculos, pelo menos 12,5 milhões de africanos foram sequestrados, transportados à força por longas distâncias, principalmente por navios e comerciantes europeus, e vendidos como escravos.

Aqueles que sobreviviam à viagem acabavam trabalhando em plantações nas Américas, principalmente no Brasil e no Caribe, enquanto outros lucravam com seu trabalho.

Portugal traficou quase 6 milhões de africanos, mais do que qualquer outra nação europeia, mas até agora não conseguiu confrontar seu passado e pouco se ensina sobre seu papel na escravidão transatlântica nas escolas.

Em vez disso, a era colonial de Portugal, durante a qual países como Angola, Moçambique, Brasil, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, bem como partes da Índia, foram submetidos ao domínio por-

Miguel Figueiredo Lopes/Presidência da República Portuguesa



tuguês, é frequentemente vista como uma fonte de orgulho.

“Temos que pagar os custos”, afirmou o presidente. “Há ações que não foram punidas e os responsáveis não foram presos? Há bens que foram saqueados e não foram devolvidos? Vamos ver como podemos reparar isso”, declarou.

A ideia de pagar reparações ou tomar outras medidas pela escravidão transatlântica vem ganhando força em todo o mundo, sobretudo por governos de países caribenhos, incluindo esforços para estabelecer um tribunal especial sobre a questão.

Os Países Baixos e a Inglaterra, que ostentam em seu currículo um vínculo com práticas coloniais escravagistas, vêm adotando medidas no sentido de mitigar suas ações do

passado por meio da criação de fundos para pesquisa e financiamento de iniciativas em suas ex-colônias.

Ativistas afirmam que as reparações e as políticas públicas para combater as desigualdades causadas pelo passado de Portugal, incluindo o racismo sistêmico, são essenciais.

Há, porém, contrapontos a serem destacados, conforme aponta Luiz Felipe de Alencastro, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em São Paulo, e professor emérito da Universidade de Sorbonne, em Paris, na França, onde lecionou por 14 anos, considerado um dos maiores pesquisadores da escravidão no Brasil.

“O Brasil não pode entrar nessa discussão somente como vítima. Os afro-brasileiros são vítimas, mas houve colonos, proprietários, fazendeiros e comerciantes brasileiros que participaram do tráfico transatlântico de escravizados, tanto antes quanto depois da independência”, afirmou o historiador.

Após as declarações de Rebelo de Sousa, partidos de oposição se manifestaram contrários à sua postura, e o governo de Portugal divulgou que “não esteve e não está em causa nenhum processo ou programa de ações específicas” relacionado a reparações às ex-colônias.

Fontes: CNN Brasil, Nexo Jornal e BBC Brasil

Argentina

Médico condenado por não realizar um aborto retorna à ativa

Após dois anos e quatro meses sem a possibilidade de exercer sua profissão, o médico ginecologista argentino Leandro Rodríguez finalmente poderá retomar a prática médica. Isso, porém, não se deve a uma vitória legal, mas ao cumprimento da pena injusta que lhe foi imposta após se recusar a realizar um aborto.

Segundo suas próprias palavras, “em 2017, ocorreu um episódio no hospital público em que trabalhava, na cidade de Cipolletti, na Patagônia argentina. Na ocasião, atendi uma paciente em estado crítico devido a uma gravidez avançada, e tomei a decisão de evitar um processo de parto prematuro a fim de melhorar o estado de saúde da mãe”.

A paciente havia ingerido um medicamento para tentar um aborto clandestino, porém o médico se recu-

sou a fazê-lo devido aos riscos envolvidos, tanto para a mãe, com mais de 5 meses de gravidez, quanto para o bebê. Após estabilizar a condição da mãe, a equipe médica decidiu que ela passaria por uma cesariana ao atingir 7 meses e meio de gestação. O recém-nascido foi então encaminhado para adoção.

“Essa ação foi interpretada pela Justiça como um impedimento da vontade da paciente de interromper a gravidez e, dessa forma, em 2019, fui condenado, e essa pena acaba de ser cumprida”, explicou o médico.

Doutor Leandro disse que todo esse período de espera o levou a adotar um compromisso ainda maior com o “cuidado da vida e a proteção do nascituro e da mulher”.

O médico argentino não deixou de apontar a hipocrisia de alguns

abortistas que dizem defender as mulheres: “Por ter engravidado em decorrência de um estupro, a história dessa mulher foi amplamente divulgada pela mídia local, retratando-a como a principal vítima nessa situação. No entanto, uma vez concluído o julgamento e proferida a sentença, ela foi esquecida e ninguém mais se importou com seu bem-estar. Lamentavelmente, ela teve que buscar ajuda por conta própria para sobreviver”, relatou.

Essa situação deixa claro que “o que tentaram fazer foi simplesmente destruir a vida de uma criança, que agora está prestes a completar 7 anos, e que está feliz em uma família adotiva que a acolheu e lhe proporciona o futuro digno que todos merecemos”, concluiu. (JFF)

Fonte: Gaudium Press

Liturgia e Vida

6º DOMINGO DA PÁSCOA
5 DE MAIO DE 2024

Escolheu-nos por amor e para amar

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

“Como o meu Pai me amou, assim também eu vos amei” (Jo 15,9), diz Jesus. O Pai o ama eternamente na união perfeita do Espírito Santo, amor divino em Pessoa. O Senhor, contudo, expande o coração e declara na Última Ceia, aos apóstolos e a nós, que nos ama “como o Pai me amou”. Que maravilha da graça!

Conhecendo nossa inconstância, Ele ainda apela: “Permaneçam no meu amor!” (Jo 15,9).

Ama-nos gratuitamente e pede humildemente que não o abandonemos. Nós é que precisamos Dele, mas Ele é quem pede. Jesus deseja nossa salvação mais do que nós mesmos! Frequentemente, aspiramos àquilo que é passageiro, vaidade ou pecado... Ele, em vez disso, convida-nos amavelmente para o que é eterno e celestial, para si mesmo.

Por que o Senhor faz esse convite? “Eu vos disse isto para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena” (Jo 15,10s). Dois “quereres” caracterizam o amor: a união com a pessoa amada e o verdadeiro bem do outro. Mais do que nós, Ele quer permanecer conosco; sem que mereçamos, Ele quer nossa salvação. E esta é a base sobre a qual podemos edificar o amor a Deus e ao próximo.

Amar é um “dever”: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15,12). Contudo, não somente devemos, mas “podemos” amar! Não porque sejamos “bons”, mas porque, amando-nos, Ele nos capacita a fazer o mesmo. “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de reparação pelos nossos pecados” (1Jo 4,10).

Saber-nos amados por Ele é o que nos possibilita amar, já que “o amor de Cristo nos impele” (2 Cor 5,14) a amar.

Aqui não falamos do “amor” falso, fundamentado nas diversões, paixões, prazeres impuros e na conveniência... Essas são formas requintadas de egoísmo, privadas do amor de Deus. Tampouco falamos do simples impulso de compaixão ou empatia. Qualquer pessoa, mesmo má e mesquinha, é capaz desses sentimentos, que são humanos e naturais. O amor “como Jesus nos amou” ou “como o Pai me amou” é sobrenatural: “O amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus, pois Deus é amor” (1Jo 4,7-8).

O amor divino nos leva a compreender, a nos sacrificar e a perdoar. É um dom do alto, comunicado por meio dos sacramentos e da oração. De fato, “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). São Paulo descreve a sua atuação na alma: “O amor é paciente, é bondoso, não é invejoso, não é vaidoso, não se ensoberbece, não é inconveniente, não é interesseiro, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a iniquidade, mas se regozija com a verdade. Tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo perdoa” (1Cor 13,4-7).

Ao nos sentirmos incapazes de querer bem e de perdoar, precisamos buscar o amor em Deus, fonte da caridade. “Devemos” amar, pois Ele nos ordena; mas “podemos” amar, já que “não fostes vós que Me escolhestes, mas Eu que vos escolhi” (Jo 15,16). E Ele nos escolheu para amar.

No 19º ENP, presbíteros reforçam o compromisso de ser testemunhas da esperança

REUNIDOS EM APARECIDA (SP), SACERDOTES DE TODO O BRASIL PARTICIPARAM DE MOMENTOS CELEBRATIVOS, ORACIONAIS E FORMATIVOS

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Provenientes de diferentes dioceses do Brasil, cerca de 450 sacerdotes participaram, de 24 a 30 de abril, do 19º Encontro Nacional de Presbíteros (ENP), no Centro de Eventos Padre Vítor Coelho de Almeida, em Aparecida (SP).

À luz do tema “Presbíteros: Testemunhas da Esperança!” e do lema “Alegres na esperança, perseverantes na tribulação, constantes na oração”, o encontro, organizado pela Comissão Nacional de Presbíteros (CNP), teve missas diárias, momentos oracionais e formativos, partilha de testemunhos e convivência fraterna dos presbíteros.

Na missa de abertura, no Santuário Nacional de Aparecida, no dia 25, Dom Jaime Spengler, Arcebispo de Porto Alegre (RS) e Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), destacou que “a Igreja caminha com os pés dos padres”, e lembrou que nenhum presbítero deve se sentir sozinho, abandonado ou excluído.

CONJUNTURA ECLESIAL

Ainda no dia 25, Dom Joel Portella Amado, Bispo de Petrópolis (RJ) e Presidente da Comissão Episcopal para a Doutrina da Fé da CNBB, apresentou uma análise de conjuntura eclesial. Ele destacou que a atual mudança de época também incide sobre a Igreja, na medida em que a dimensão religiosa tem sido remetida à vida privada, em um mundo que passa cada vez mais da cristandade à secularização, e diante do qual há o risco de que se pratique uma pastoral ou de conservação, ou socializante ou de devocionismos.

Dom Joel apontou que a Igreja, também pelo agir dos sacerdotes, não deve deixar de praticar a missão (ir às periferias existenciais e geográficas, e viver a perspectiva da sinodalidade), a vida em comunidade (formando comunidades eclesiais missionárias) e a iniciação à vida cristã (possibilitando o encontro das pessoas com Jesus Cristo e a Igreja, para que orientem a própria existência).

ANUNCIADORES DA ESPERANÇA

Na sexta-feira, 26, o Cardeal Odilo Pedro Scherer participou do 19º ENP. Ele presidiu a missa da manhã e destacou que “os presbíteros são testemunhas da esperança do Evangelho”. Também lembrou que o tema do encontro está em sintonia com a temática do Jubileu 2025.



Dom Odilo preside uma das missas do 19º ENP; evento, concluído na terça-feira, 30 de abril, tem a participação de cerca de 450 presbíteros

Após a missa, o Arcebispo de São Paulo ressaltou aos participantes que em um mundo que precisa de esperança, os cristãos, e modo ainda mais especial os sacerdotes, devem ser “anunciadores do Evangelho e da esperança, segundo aquilo que é bom, dando os sinais da esperança daquilo que cremos para a edificação de um mundo solidário, justo, fraterno e bom para todos”.

RETIRO E MISSA DOMINICAL

O retiro conduzido por Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, foi a atividade principal do 19º ENP no sábado, 27.

“Como presbíteros, somos convidados a estar no serviço a Jesus, mas partindo sempre de um profundo conhecimento sobre Ele”, comentou o Prelado. Ele também recordou que vida cristã e humildade são duas realidades que caminham lado a lado, e que o sacerdote deve ter uma vida de constante oração, de invocação ao Espírito Santo: “Sem oração, não existe presbítero testemunha da esperança”.

Na manhã do domingo, 28, Dom Orlando Brandes, Arcebispo de Aparecida, presidiu missa no Santuário Nacional com a presença de todos os presbíteros participantes do 19º ENP. “A vocês, queridos padres, quero lembrar cinco gratidões do Papa Francisco: gratidão pela sua fidelidade; gratidão pela sua alegria de servir; gratidão por seu cuidado pastoral; gratidão pela celebração diária da Eucaristia; e gratidão pela busca incessante da santificação”, afirmou.

AUTOCUIDADO E MISSÃO

As atividades do penúltimo dia do encontro, na segunda-feira, 29, foram iniciadas com a missa presidida por Dom Clecir Bonetti, Bispo da Diocese de Caçador (SC) e Referencial da CNP. “Jesus nunca prometeu facilidades para



Fotos: Padre Walison Vieira/Diocese de São Miguel Paulista



os seus seguidores, Ele prometeu felicidade”, ressaltou.

Na sequência, Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo e Presidente da Comissão Episcopal para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada (Cemovic), tratou sobre o tema “Saúde Integral do Presbítero”. Houve ainda uma palestra do Padre Humberto Robson de Carvalho, do clero da Arquidiocese de São Paulo, que colaborou na preparação do subsídio do 19º ENP.

Também na segunda-feira, o Cardeal Lazzaro You Heung-sik, Prefeito do Dicasterio para o Clero, enviou mensagem aos participantes. Ele comentou que o tema do encontro manifesta “o sentido da missão sacerdotal de tornar presente no mundo a esperança cristã que não desilude, de anunciar aos nossos irmãos que existe um Deus que nos ama e nos salva!”. Também lembrou que os sacerdotes devem testemunhar a alegria do Evangelho, vivendo todos os dias a Palavra de Deus.

‘COMO É BELO SER PADRE!’

O encerramento do 19º ENP ocorreu na manhã da terça-feira, 30, com a missa no altar central do Santuário Nacional de Aparecida, presidida por Dom Ângelo Mezzari, RCJ.

Na homilia, o Bispo destacou que a vocação sacerdotal é bela e sagrada, mas cheia de desafios, e disse que o presbítero que está na paz de Jesus caminha alegre na esperança. “Levemos esta alegria da esperança em Cristo, a multipliquemos, a testemunhemos. Vamos contar esta história tão bela. Como é belo ser padre! Vamos dar este testemunho”, exortou.

“A exemplo dos apóstolos, que são nossos modelos, e dos discípulos das primeiras comunidades, vamos, com alegria e esperança, fortalecer e consoli-

dar o nosso ministério e mesmo quando a solidão vier, quando talvez venha o desânimo, a desesperança, tenhamos sempre presente que é nesta hora que verdadeiramente se revela o projeto do amor de Deus e aí está a semente que vai brotar para gerar a vida da comunidade, o anúncio do Evangelho, a vida nos sacramentos, a participação e a comunhão”, comentou o Presidente da Cemovic.

Por fim, Dom Ângelo pediu a intercessão de Nossa Senhora Aparecida para que todos os fiéis rezem constantemente pelas vocações, em especial para que nunca falem bons e santos presbíteros à Igreja; e para que os sacerdotes e bispos assumam o compromisso de promover as vocações sacerdotais, convidando os jovens para o discernimento vocacional e mostrando-lhes a beleza do sacerdócio.

Ao final do encontro foi publicada uma carta dos participantes do 19º ENP a todos os presbíteros do Brasil.

“Amados irmãos, concluímos o nosso 19º ENP com o desejo profundo de espalhar esta mensagem de esperança e coragem por toda a parte, sob o impulso do Espírito do Senhor. Convidamos a todos os presbíteros a estruturarem a Pastoral Presbiteral como espaço de comunhão, partilha fraterna e ajuda mútua; animamos ao cuidado com a saúde física, psíquica e espiritual, para que possamos, com o olhar misericordioso do Bom Pastor, nos dirigir aos excluídos e enfermos no corpo e na alma, que anseiam pela caridade generosa dos discípulos de Cristo Jesus”, consta em um dos trechos da carta assinada por Dom Ângelo, Dom Clecir e os Padres André Luís do Vale, Fausto Marinho de Carvalho Filho e Rudinei Lasch, respectivamente Presidente, Vice-Presidente e Secretário da CNP. A íntegra pode ser lida em <https://osaopaulo.org.br/brasil>.

(Colaborou: Padre Diego Carvalho, da Arquidiocese de Vitória/ES, pela Comunicação do 19º ENP.)

Fé e Cidadania



Use o QRCode para acessar o Caderno Fé e Cidadania na internet, com mais artigos e links citados.

O sentido do trabalho

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Diante dos novos desafios tecnológicos, demográficos e culturais de nossa sociedade, nossas reflexões para o Dia do Trabalhador se voltam para o sentido do trabalho... Apesar das imposições e condicionamentos, será possível uma experiência que torne o trabalho cada vez mais humano, uma experiência que ilumine quais caminhos seguir para a construção de um futuro sempre mais justo e fraterno?

O mundo do trabalho está mudando e nós contemplamos, entre estarecidos e maravilhados, os impactos dessas mudanças em nossas vidas. Sem dúvida, na vida pessoal, os desafios parecem ser maiores do que as facilidades. Os aumentos de produtividade, as diversões e os confortos trazidos pelas novas tecnologias convivem com o envelhecimento da população, a redução dos postos de trabalho, as desigualdades cada vez mais difíceis de serem superadas... Curiosamente, ou dramaticamente, ao mesmo tempo que parecemos caminhar para um futuro cada vez mais brilhante, parecemos caminhar também para um futuro cada vez mais ameaçador para cada trabalhador e para cada família.

O fato é que, para aqueles que conseguem se integrar ao fluxo do progresso material e dos avanços tecnológicos, o futuro será realmente cada vez mais promissor. Mas, para aqueles postos à margem, para os deslocados e sem condições de entrar nesse fluxo, o futuro não parece tão promissor assim... Em livros e filmes, muitas distopias futuristas mostram, até visualmente, esse mundo de contrastes: nos céus, em arranha-céus gigantes ou cidades suspensas, os afortunados, bem integrados ao sistema; nos solos, em prédios descaídos, os excluídos pelo sistema, que até podem desfrutar de muitos confortos da sociedade tecnológica (afinal, a economia precisa do consumo também desses), mas estão privados do protagonismo e da possi-

bilidade de realização reservada “aos de cima”.

Diante da ameaça do desemprego e da persistência do fenômeno da pobreza, as sociedades vão se dando conta da necessidade dos chamados programas de renda mínima, que garantem o sustento daqueles que estão à margem da sociedade, independentemente de suas atividades laborais. Mas, como lembra o Papa Francisco, os programas assistenciais podem e devem ser vistos como alternativa emergencial, mas só o trabalho digno pode responder de forma humana aos problemas sociais e ao desejo de realização da pessoa humana (cf. [Fratelli tutti](#), FT 162).

Ao mesmo tempo, aqueles que estão bem empregados, com rendas satisfatórias, são cada vez mais pressionados a manter alto desempenho num mundo do trabalho cada vez mais competitivo. O *home office*, frequentemente pensado como uma condição laboral mais confortável, termina por romper os limites entre trabalho e repouso, invade a vida familiar e torna o trabalhador cada vez mais preso à sua atividade profissional.

Nesse amplo contexto atual, pensar o sentido do trabalho se torna cada vez mais vital. O “sentido subjetivo do trabalho”, tão bem apresentado por São João Paulo II, na [Laborem exercens](#),



Arte: Sergio Ricciuti Conte

precisa ser retomado, compreendido não apenas como reflexão filosófica ideal, mas como critério de compreensão e orientação das práticas sociopolíticas na construção de um mundo do

trabalho mais humano e de uma sociedade mais justa.

* Sociólogo, biólogo e editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania de “O SÃO PAULO”.

CdO, uma amizade operativa

A Companhia das Obras (CdO), que gentilmente cedeu para a confecção deste Caderno os textos referentes a algumas palestras proferidas em seu 11º Fórum Nacional no Brasil, é uma associação presente em vários países, que tem por objetivo ajudar empresários, organizações sem fins lucrativos, gestores e profissionais a desenvolver empresas e atividades profissionais para o bem comum.

A associação, originada a partir do movimento católico Comunhão e Libertação, mantém sua referência ideal nos ensinamentos da Doutrina Social da Igreja. Congrega tanto profissionais e empresas com fins lucrativos quanto organizações sociais do Terceiro Setor, a partir da convicção de que todas essas realidades têm sua responsabilidade perante a construção do bem comum

e podem se ajudar mutuamente para alcançar seus objetivos. Procura criar, entre seus membros, uma “amizade operativa”, pela qual aqueles que se percebem movidos por um desejo de enfrentar os desafios culturais, socioeconômicos e profissionais numa perspectiva completamente humana e com ferramentas inovadoras podem se encontrar e construir um caminho juntos.



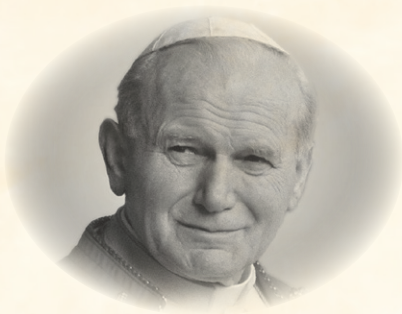
Serviço
Maiores informações sobre a CdO Brasil podem ser encontradas em seu site <https://www.cdo.org.br/> e pelo e-mail contato@cdo.org.br.

O trabalho é para a pessoa, não o contrário

É mediante o trabalho que o ser humano deve procurar o pão cotidiano, contribuir para o progresso contínuo das ciências e da técnica, e sobretudo para a incessante elevação cultural e moral da sociedade, na qual vive em comunidade com os próprios irmãos. E com a palavra trabalho é indicada toda a atividade realizada por ele, tanto manual quanto intelectual, independentemente das suas características e das circunstâncias [...] O trabalho comporta em si uma marca particular do ser humano e da humanidade: a marca de uma pessoa que opera numa comunidade de pessoas; e uma tal marca determina a qualificação interior do mesmo trabalho e, em certo sentido, constitui a sua própria natureza (SÃO JOÃO PAULO II, *Laborem exercens*, Apresentação)

É como pessoa, pois, que o homem é sujeito do trabalho. É como pessoa que ele trabalha e realiza diversas ações que fazem parte do processo do trabalho; estas, independentemente do seu conteúdo objetivo, devem servir todas para a realização da sua humanidade e para o cumprimento da vocação a ser pessoa, que lhe é própria em razão da sua mesma humanidade [...] Embora seja verdade que a pessoa

O ser humano se realiza pelo trabalho. Ainda que comporte a fadiga cotidiana e sirva ao nosso sustento, o trabalho nunca poderá ser corretamente vivido sem sua função subjetiva de realização da nossa humanidade.



está destinada e é chamada ao trabalho, contudo, antes de mais nada o trabalho é “para a pessoa” e não a pessoa “para o trabalho”. E por esta conclusão se chega a reconhecer justamente a preeminência do significado subjetivo do trabalho sobre o seu significado objetivo. Partindo deste modo de entender as coisas e supondo que diversos trabalhos podem ter um maior ou menor valor objetivo, procuramos, todavia, pôr em evidência que cada trabalho se mede sobretudo pela dignidade do sujeito do trabalho, isto é, da pessoa que o executa (SÃO JOÃO PAULO II, *Laborem exercens*, LE 6)



Não se fala apenas de garantir a comida ou um decoroso “sustento” para todos, mas prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos. Isto engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados ao uso comum (FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, EG 192)

A grande questão é o trabalho. Ser verdadeiramente popular – por-

que promove o bem do povo – é garantir a todos a possibilidade de fazer germinar as sementes que Deus colocou em cada um, as suas capacidades, a sua iniciativa, as suas forças. Esta é a melhor ajuda para um pobre, o melhor caminho para uma existência digna. Por isso, insisto que ajudar os pobres com o dinheiro deve sempre ser um remédio provisório para enfrentar emergências. O verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna por meio do trabalho. Por mais que mudem os sistemas de produção, a política não pode renunciar ao objetivo de conseguir que a organização de uma sociedade assegure a cada pessoa uma maneira de contribuir com as suas capacidades e o seu esforço. Com efeito, não há pobreza pior do que aquela que priva do trabalho e da dignidade do trabalho. Numa sociedade realmente desenvolvida, o trabalho é uma dimensão essencial da vida social porque não é só um modo de ganhar o pão, mas também um meio para o crescimento pessoal, para estabelecer relações sadias, expressar-se a si próprio, partilhar dons, sentir-se responsável no desenvolvimento do mundo e, finalmente, viver como povo (FRANCISCO, *Fratelli tutti*, FT 162)

O desafio de ressignificar o trabalho em nossos tempos*

Francesco Seghezzi**

Todos sabemos que o trabalho está mudando profundamente. Muitas vezes, as análises focam o impacto da tecnologia, deixando em segundo plano outras macrotendências que podem ser até mais disruptivas. Um exemplo é o declínio demográfico e o crescente envelhecimento populacional que caracteriza os países ocidentais, observado há pelo menos trinta anos. É uma tendência que parece irreversível, da qual, nos últimos anos, se manifestam as primeiras consequências.

Um outro exemplo é mais difícil de quantificar, em torno do qual as narrativas, supostamente edificantes ou demolidoras, tornam difícil traçar limites claros. Alguns o reduzem ao crescimento observado nas demissões, particularmente na Europa e nos Estados Unidos, ou melhor, à rotatividade de trabalhadores nas empresas. Outros observam mudanças de atitude, falando em *quite quitting* (demissão silenciosa), para identificar o fenômeno que levaria o trabalhador, por um conjunto variado de causas, a reduzir seu trabalho ao mínimo de modo a cumprir apenas com o que está previsto nas tarefas contratuais,

Numa sociedade em rápida mudança, os desafios do mundo do trabalho não se referem apenas à justa remuneração e a condições laborais adequadas. Cada vez mais, as pessoas se perguntam qual é o sentido do trabalho em suas vidas.

sem qualquer envolvimento adicional. Outros ainda focam em uma atenção reavivada, também impulsionada pela grande mudança de prioridades e hábitos trazida pela COVID-19, para a vida privada, vista em contraste com o trabalho. No geral, sem querer reduzir a aspectos específicos que nada mais são do que manifestações sintomáticas de um diagnóstico mais complexo, podemos falar de uma crise no sentido do trabalho contemporâneo.

A combinação desses fenômenos é disruptiva. Por um lado, teremos (e temos) cada vez menos trabalhadores, devido às alterações demográficas, e, por outro lado, é cada vez mais complexo envolver e motivar os poucos que lá estão. Dentro desse duplo movimento, está em jogo o futuro do mundo laboral. Aqui se reúnem, com um novo olhar e uma perspectiva diferente do passado, todas as questões

relacionadas à conciliação da vida e do trabalho, entendidas não apenas como pequenas medidas organizacionais, mas como uma perspectiva holística de sustentabilidade. Desse ponto de vista, a reflexão, por exemplo, sobre o *home office* não pode se limitar à mera execução da atividade de trabalho de um lugar para outro, mas uma oportunidade de repensar, acima de tudo, os tempos de trabalho, a relevância ou não do trabalho-hora como único parâmetro organizacional e de construção salarial.

As pessoas pedem autonomia e modelos organizacionais mais flexíveis e estão dispostas a serem avaliadas, principalmente os jovens, sobre os resultados que trazem, pedindo que esses resultados não sejam parametrizados apenas para o número de horas trabalhadas, mas para os objetivos alcançados. Por esse motivo, as

empresas hoje têm a prioridade de ouvir seus colaboradores, é preciso parar e entender em que direção o mundo está indo, pois a aceleração tem sido forte e o risco de ficar desorientado é alto.

O desafio é ouvir e surpreender-se com novas necessidades e exigências que não conhecíamos, dar passos em frente rumo a inovações que não teríamos sido capazes de prever. O maior risco é reduzir todo o desconforto que observamos a algo que pode ser resolvido com novas práticas organizacionais e novas soluções gerenciais. Mas tudo isto, mesmo as melhores ferramentas que podemos pôr em prática (e que teremos de pôr em prática!) nunca poderão ser uma resposta à questão, que as pessoas estão se fazendo (cada vez mais), do significado de seu trabalho.

* Trecho da exposição feita na mesa-redonda “O contexto atual do trabalho”, do 11º FÓRUM NACIONAL DA COMPANHIA DAS OBRAS (Cdo): “O sentido do trabalho” (São Paulo, 2023)

** Presidente da Fondazione ADAPT e pesquisador da Universidade de Modena e Reggio Emilia. Doutor em Educação Pessoal e Mercado de Trabalho. Pesquisador visitante na Universidade Católica da América, na Escola de Relações Industriais e Trabalhistas da Universidade Cornell e na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos.

As organizações, o trabalho, o diálogo e o encontro*

Francesco Liuzzi**

Na vida, frequentemente me sinto atraído e convidado por relações que me fascinam e que tomam, então, a forma de tarefas que, se atendidas com cuidado, desenvolvem a relação e, se evitadas, a esvaziam. Apaixonar-se, casar e constituir família são o exemplo mais claro dessa dinâmica; mas o mesmo poderia ser dito de todo o “apaixonar-se” pelo qual minha vida é habitada e animada.

Por outro lado, há casos em que sou convocado por uma tarefa, por algo a ser feito para que as necessidades básicas sejam satisfeitas. “Trabalho” em sentido estrito, a profissão, as tarefas que o “emprego” obriga. Mas, neste caso, acontece que essas tarefas – para não serem a condenação a uma experiência de “prisão” que só espera os momentos em que se pode suspendê-la – me chamam para um relacionamento, ganham sentido em um relacionamento. De quem vem essa tarefa? O que você precisa? Com quem posso ou devo fazer isso? Como aquela pessoa que é mais competente do que eu ou que tem um ponto de vista diferente do meu faria isso?

Em suma, minha vida parece ser descrita por essa tendência um tanto quanto circular entre situações em que um relacionamento interessante me traz tarefas, e outras em que algumas tarefas que tenho que (ou quero) fazer, me levam – por assim dizer – aos braços de um relacionamento. Trabalho e relacionamentos, então. Pão e amor, diria o bom e velho Freud.

O local de trabalho pode ser fascinante. Sou consultor de treinamento e desenvolvimento organizacional e, por isso, passo meus dias em organizações, entre as pessoas que trabalham juntas, engajadas em treinamentos, gestão de mudanças, projetos de *coaching*. Sou “apaixonado” por empresas, organizações e acho que elas não são os lugares banais ou “práticos” que muitas vezes nos dizem, mas lugares densos, dramáticos, humanamente vibrantes com histórias, paixões, perguntas.

Na realidade destes tempos absurdos e fascinantes que vivemos, por meio das fraturas que somos convidados a olhar sem fugir à dor e ao medo, nesta cultura em que parece que nos perguntamos se não seria possível deixar de trabalhar... O trabalho nos convida a uma experiência que precisamos viver. A experiência pela qual o engajamento com a realidade, muitas vezes árido e necessário, flui e ganha sentido a partir de uma relação em que descubro meu “eu” ao acolher um “você”.

Diálogo e desejo. Então, interessa-nos aquela forma particular de conversa que chamamos de diálogo, quando a conversa se torna o evento de um encontro real que muda a



Reprodução da obra Detroit Industry Murals de Diego Rivera

Não nos faltam problemas e desafios no mundo do trabalho. Enfrentamos frequentemente questões estruturais que transcendem à vontade e ao esforço de cada um. Contudo, a postura pessoal com a qual vivemos essas situações pode fazer uma grande diferença...

perspectiva. O diálogo não é uma predisposição genérica para ouvir o outro, mas é o método de que precisamos para que o trabalho possa ser verdadeiramente intersubjetivo e relacional; é a aceitação da diversidade do outro como dom. Não para “concordar”, mas para descobrir, por meio do outro, muitas coisas que acreditava já conhecer. Saber dialogar, perguntar as nossas necessidades e ouvir as do outro, nos permite realmente descobrir e vivenciar o trabalho como uma oportunidade imperdível.

Segundo o filósofo Martin Buber, existem duas formas de lidar com outra pessoa. A que ele chama de “eu/isso”, em que o outro é confrontado com base no que eu já sei, onde procuro prever suas palavras e ações para poder de alguma forma “administrá-lo”; ou a relação “eu/tu”, em que realmente acolho o outro, o escuto verdadeiramente.

Neste segundo caso, o diálogo acontece. O outro é uma oportunidade para sairmos da “bolha”, da “câmara de eco” em que só ouvimos a nossa voz. Mas não devemos esconder de nós mesmos que essa experiência requer uma disposição para enfrentar uma certa “dor”, uma certa “mortificação” em que renunciamos a definir o outro de acordo com nosso ponto de vista. Mas se deixarmos isso acontecer, podemos realmente “conhecer” alguém (a vida é real quando é um encontro, disse Buber). E podemos descobrir mais sobre quem somos

e – juntos uns com os outros – criar algo novo e inovador. Podemos receber e dar o que todos nós, mesmo na vida organizacional, precisamos: reconhecimento. Não tanto no sentido de “gratificação”, mas verdadeiramente de “reconhecimento”. Ouvir o outro me permite ouvir melhor a minha própria voz, entender melhor o meu ponto de vista, descobrir o meu desejo.

A vida nas organizações e o trabalho são realmente uma oportunidade de descobrir quem eu sou. Mas essa oportunidade não depende tanto do “poder” do sujeito, mas da possibilidade de conhecer uma relação, para onde olhar e ser olhado. Onde ouvir uma pergunta e poder formular outra. Onde descobrir, graças ao encontro com a diversidade do outro, o meu desejo. O sujeito torna-se protagonista se passar da lógica da “necessidade” para a do “desejo”. Da lógica carente, em que – justamente – estou na organização porque preciso de um emprego, de um salário e, por isso, aceito seguir orientações; à lógica desejante, em que abro novas possibilidades, aprendo, inovo, desenho, depois, gero algo novo.

Para descobrir meu desejo, para que eu não seja apenas um intérprete do desejo do outro, é necessário encontrar um tu que me reconheça, se interesse por mim, me escute, me pergunte, me queira (bem). O encontro evoca o sujeito que (então) se torna protagonista. As organizações

que praticam o diálogo (e não suas versões cosméticas) certamente se expõem a um sofrimento – o diálogo não é simples e previsível –, mas abrem espaços para envolvimento e inovação.

Aceitar o novo. Estamos, de fato, num momento de mudanças dramáticas. Muitos de nós experimentam que seu “papel”, o que já aprenderam, fizeram e construíram parece não interessar mais, não ser suficiente. Mas isso também aponta para uma possibilidade esplêndida e terrível – como os gregos resumiram na palavra *deinòs* (formidável). Aceitar que precisamos de encontros para que algo realmente aconteça. Se ficarmos parados, à espera de sermos “admirados” ou “ouvidos”, só nos restará testemunhar o progressivo desmoronamento diante do novo. Mas se “sairmos”, indo ao encontro, se aceitarmos a nossa vulnerabilidade, a nossa falta como recurso para perguntar e ouvir... dias interessantes nos esperam pela frente.

Se aceitarmos nos “deixar ir”, seremos capazes de ver coisas novas. A mudança é como o fundo da agulha, que era uma porta de Jerusalém (real, não metafórica), pela qual só se poderia entrar abrindo mão de algo da própria bagagem, porque era muito estreita... E, ao fazer isso, podemos entrar em um espaço novo e fascinante.

* Trecho da exposição feita na mesa-redonda “O mundo precisa de sujeitos: o emergir de um rosto no ambiente de trabalho”, do 1º FÓRUM NACIONAL DA COMPANHIA DAS OBRAS (CdO): “O sentido do trabalho” (São Paulo, 2023)

** Consultor de Desenvolvimento Organizacional e Coach Executivo. É licenciado em Filosofia e doutor em Ciências do Trabalho. Concluiu sua formação com Ariele, Tavistock Institute, National Training Laboratory, iGOLD (International Gestalt Organization & Leadership Development) e ROG (Relational Organizational Gestalt). Professor de Gestão de Mudanças na Universidade de Milão, Itália.

O trabalho e as estrelas*

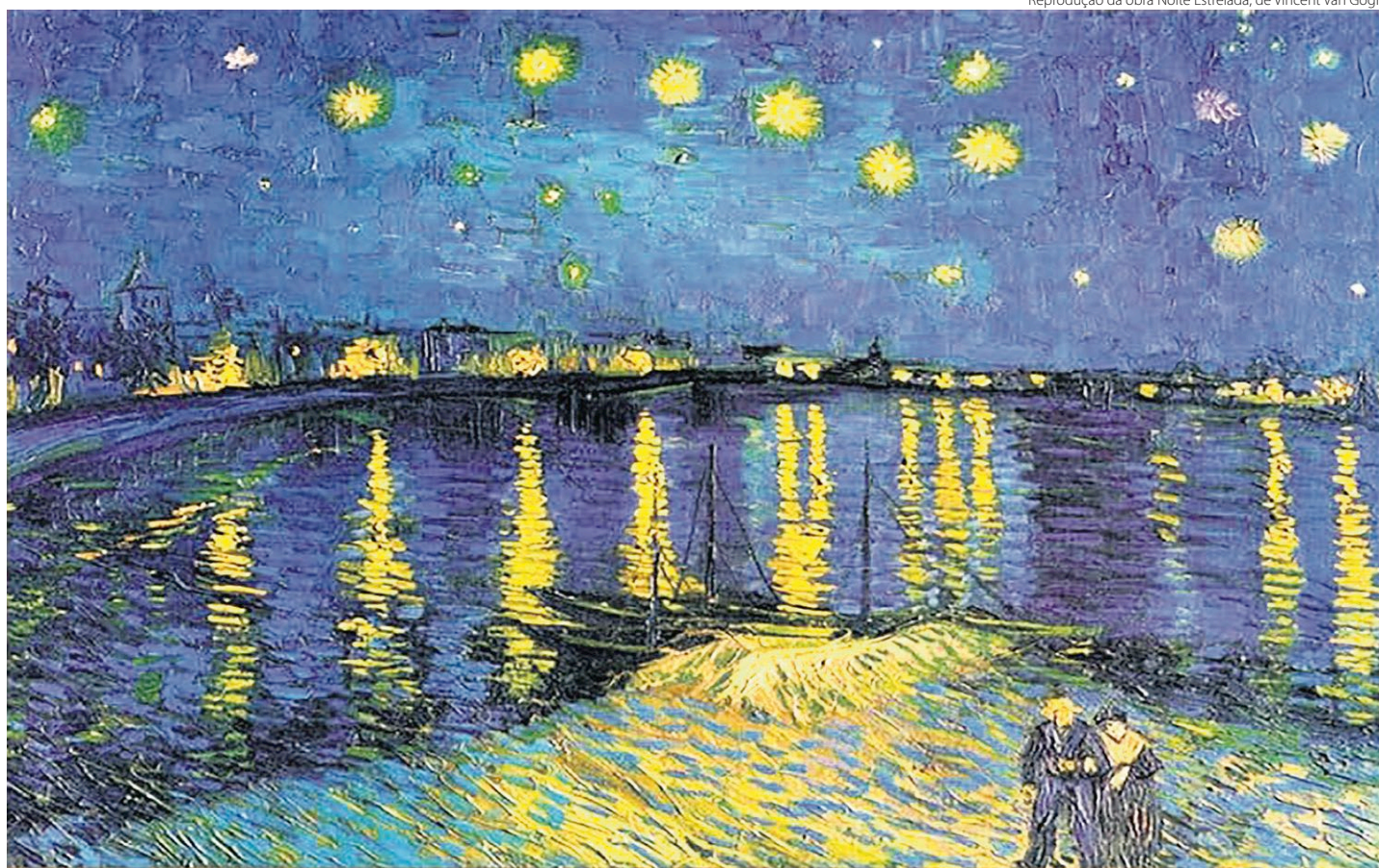
Enrico Misasi**

Na carta encíclica *Laborem exercens* (LE 9), São João Paulo II identifica, nos dois primeiros capítulos do Livro do Gênesis (1, 28; 2, 15), no chamado ao domínio e ao cuidado com a criação, a vocação natural do ser humano ao trabalho. O homem não foi criado para o ócio contemplativo. Contudo, adveio a queda e essa dimensão fundamental, embora não abolida, foi brutalmente afetada, e o autor do Gênesis é explícito a esse respeito: “[...] maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias. Ela te produzirá espinhos e abrolhos; e comerás das ervas do campo. Do suor do teu rosto, comerás o teu pão” (Gn 3, 17-19).

O que tem a ver com as estrelas? O pecado original, então, afetou a relação do homem com o trabalho, inserindo em seu âmago uma fadiga, um “suor”. É o que se extrai do Gênesis e da experiência de todos nós. Mas por quê? O que há no trabalho do homem após a queda que gera nele esse cansaço?

Vem-me à mente uma passagem da vida de Dom Luigi Giussani (1922 – 2005). À noite, um casal de namorados se abraçava carinhosamente. Ao vê-lo passar, os dois se afastaram em um misto de susto e pudor. O sacerdote perguntou, para constrangimento do casalzinho, se havia algo de errado no que estavam fazendo e, se não, por que é que haviam se afastado. Depois, vendo o céu estrelado, perguntou-lhes: “Isso que vocês estão fazendo [abraçando-se], *cosa c’entra con le stelle?*”. Ou seja, o que tem a ver com as estrelas desta noite? Essa pergunta era fruto da intuição de que a moralidade não é um conjunto de regras ou de proibições, mas um nexos real entre a ação do homem, aqui e agora, e a totalidade das coisas, do cosmos e, o que dá no mesmo, entre a ação do homem e o seu próprio destino.

A fadiga – mais do que a meramente física, mas aquela que é também existencial – que caracteriza o trabalho humano depois do pecado original resulta justamente da desconexão presente como possibilidade na pergunta de Giussani. “Isso que você está fazendo no escritório, na sala de aula, na fábrica, na oficina, em casa, *cosa c’entra con le stelle?*”. “Nada”, muitos respondemos, “trabalhamos porque devemos, porque precisamos de dinheiro, porque a vida é assim... Mas com o destino, o cosmos, as estrelas, nada”. A resposta negativa a essa provocação resulta inevitavelmente, pela própria constituição da natureza humana, em cansaço, perda de sentido, exaustão. Ou então, em outra face do mesmo fenômeno, em ativismo frenético, idolatria ao dinheiro, autorreferencialidade sufocante do trabalho. Na desestabilização do pecado, o trabalho tende



Reprodução da obra Noite Estrelada, de Vincent Van Gogh

O que o nosso trabalho tem a ver com as estrelas? Quando máquinas e inteligências artificiais parecem cada vez mais capazes de fazer o trabalho humano, essa pergunta pode nos levar a uma compreensão fascinante do sentido de nosso agir.

ao tédio e à angústia. Esse mal-estar nada mais é do que o sintoma subjetivo da redução vital que sofre o homem ao desconectar-se desse algo a que Giussani faz referência pelo símbolo das estrelas. Encaramos aqui as consequências ontológicas da queda de Adão: o esmaecimento do sujeito, a submersão do rosto, o estreitamento da pessoa. Importa compreender mais precisamente, portanto, qual é a conexão que precisa ser refeita a fim de que a pessoa restaure sua estatura humana e viva a relação com o trabalho à altura do seu chamado.

A metáfora das estrelas vai além de seu efeito poético. É no vocábulo latino “*sidera*”, estrela, que tem raiz outra palavra latina, *desiderium*, “*de-sidera*”, que deu origem ao português “desejo”. O que desejo tem a ver com as estrelas... Nada neste mundo nos satisfaz. O nosso desejo é “*de-sidera*”, é de outro mundo. Constitutivamente. Visceralmente. Assim como não há nenhum animal em crise com a própria vida, não há nenhum ser humano, por mais bem-sucedido e realizado, que esteja totalmente em paz, repousado. O desejo humano é inexaurível, é um conjunto de exigências originárias de bem, de justiça, de beleza, de amor, que não se aquietam com a posse de nenhum bem criado. Reconhecer essa “desproporção estrutural”, como diz Giussani em *O senso religioso* (São Paulo: Companhia Ilimitada, 2021), entre o nosso desejo e os vários objetos disponíveis, é o passo inicial para estabelecer uma correta perspectiva para com a vida.

Um homem será plenamente sujeito, revelará o seu rosto, trabalha-

rá como pessoa quando conectado, consciente, envolvido na dinâmica de seu próprio desejo, sem aceitar substitutivos. Isso significa encontrar em cada gesto, em cada instante, esse “ângulo aberto para o infinito”, pelo qual somos restaurados em nossa humanidade.

Por uma personalização radical: a emersão do rosto de Cristo. “Somos adultos”, isto é, pessoas, homens e mulheres, à altura de nossa vocação, por força da experiência que fazemos desse olhar às coisas “do único ponto exato que nos foi dado”: as estrelas, que estão sempre lá, fiéis, estáveis, exatas, e sua correspondência com nosso desejo. A partir desse ponto transcendente, olhamos as coisas “como se fosse pela última vez”, ou seja, com aquela distância que paradoxalmente nos permite possuí-las plenamente.

Esse momento passa a ser a fonte da qual brotam o nosso trabalho e os nossos relacionamentos. É o momento também que nos permite romper com o ciclo diabólico de orgulho, violência, ambição, inveja, ciúme, que revira e consome os homens desde sempre. Somos libertos da rivalidade e passamos, então, a olhar o próximo com olhos justos e livres, livres porque não mais agulhoados pela ansia de dominar ou de ser dominado, não mais com o olhar temeroso ou arrogante de quem sempre se pergunta, em presença do próximo, se ele será seu senhor ou seu servo. Está ou não está aqui a chave para redimir o ambiente do trabalho e fazer dele um local de educação do sujeito?

Essa experiência nos lança ao encontro dos outros e gera comunidades. Uma vez que a tenhamos vivido, tentaremos ver nos outros se eles já viveram um momento idêntico e, na solidariedade que então se cria, forma-se uma companhia, uma amizade. É necessário que estejamos com os outros, mantendo os olhos no momento mais alto de seus destinos. É aquilo que Giussani quer dizer quando afirma que o senso religioso, esse conjunto de exigências originárias da pessoa que a reporta ao infinito, realiza a unidade entre os homens que trabalham (cf. *O eu, o poder e as obras*. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 2001)

Aqueles que perseveram na busca pela satisfação de seu desejo tem em si aflorada a pergunta para a qual o Cristianismo é uma resposta. Essa unidade entre os homens que mantêm seu olhar para o momento mais alto de seu destino pode, pela graça da fé, virar a comunidade dos que creem no Cristo. Estaremos, então, diante da personalização mais radical que há, uma personalização que se identifica com a imersão no próprio rosto de Cristo, “porque a presença de Cristo na história, exatamente como fisionomia, perdura visivelmente como forma encontrável na unidade dos que creem” (GIUSSANI, L. *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015).

* Trecho da exposição feita na mesa-redonda “O mundo precisa de sujeitos: o emergir de um rosto no ambiente de trabalho”, do 11º FÓRUM NACIONAL DA COMPANHIA DAS OBRAS (CdO): “O sentido do trabalho” (São Paulo, 2023)

** Advogado, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (2016), mestre em Direito Constitucional pela mesma instituição (2020) e pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019), foi deputado federal (2019-2023) e, atualmente, é Secretário-Executivo da Secretaria de Relações Institucionais da Prefeitura de São Paulo (2023 –). Co-fundador do Instituto Liberdade e Comunidade – LibCom (2016). Casado com Maria Clara e pai de dois filhos, Guido e Beatriz.

São José: modelo de trabalhador a todos os homens e ao próprio Jesus

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

“Nenhum trabalhador foi jamais tão perfeita e profundamente penetrado por ele [o Espírito do Evangelho] como o pai adotivo de Jesus, que viveu com Ele na mais íntima intimidade e comunidade de família e de trabalho. Assim, se queres estar perto de Cristo, também hoje te repetimos ‘*Ite ad Joseph*’: Vai para José! (Gn 41,55)”.

Assim exortou, em 1º de maio de 1955, o Papa Pio XII, ao dirigir-se aos trabalhadores reunidos na Praça São Pedro, e instituir a festa de São José Operário e apresentar-lhes o Santo como o padroeiro dos trabalhadores: “Vocês apreciam, amados trabalhadores, este nosso dom? Temos a certeza de que sim, porque o humilde artesão de Nazaré não só encarna a dignidade do trabalhador manual diante de Deus e da Santa Igreja, mas é também sempre o guardião providente de vós e das vossas famílias”, disse o Pontífice.

Em 1º de maio, portanto, toda a Igreja celebra a memória litúrgica daquele que é apresentado nos Evangelhos como carpinteiro, ferreiro e serralheiro, o bom esposo da Virgem Maria e pai adotivo de Jesus, que ensinou ao próprio Cristo o valor do trabalho e mostrou que cada pessoa pode santificar a própria vida a partir do ofício que exerce.

EM SUAS ATIVIDADES, SÃO JOSÉ ELEVAVA O PENSAMENTO A DEUS

Na Solenidade de São José, em 19 de março de 1983, São João Paulo II, ao recordar que São José, “na humildade da oficina de Nazaré, providenciou com o trabalho das próprias mãos o sustento da Sagrada Família”, exortou: “A vós, pois, operários, camponeses, artesãos, pescadores, a vós trabalhadores da terra e do mar que com o suor cotidiano ganhais o necessário para as vossas famílias, quero dirigir de modo particular o meu pensamento e a minha palavra, para apontar à vossa reflexão o exemplo daquele que, tendo compartilhado a vossa experiência, pode compreender



os vossos problemas, receber as vossas ansiedades, orientar os vossos esforços para a construção de um futuro melhor”.

O Santo Padre recordou, ainda, que muitas vezes, durante os dias de trabalho, José elevava o pensamento a Deus “para O invocar, para Lhe oferecer a sua fadiga, para implorar luz, auxílio, conforto”.

Tudo isso, ressaltou o Pontífice, foi aprendido por Cristo: “São José ensinou a Jesus o trabalho humano, no qual ele era experiente. O divino Menino trabalhava ao lado dele, e ouvindo-o e observando-o, aprendia também a usar a ferramenta própria do carpinteiro com a diligência e a dedicação que o exemplo do pai adotivo Lhe transmitia (...) se o Filho de Deus quis aprender com um homem um trabalho humano, isto indica que no trabalho há um valor moral específico, com um significado preciso para o homem e para a sua autorrealização”.

A SANTIFICAÇÃO DA VIDA PELO TRABALHO

Também o Papa Bento XVI, em uma missa com a participação de trabalhadores em 19 de março de 2006, no Vaticano, mencionou São José como modelo para aqueles que desejam santificar a vida a partir do trabalho: “É preciso viver uma espi-

ritualidade que ajude os fiéis a santificar-se por meio do seu próprio trabalho, imitando São José, que tinha de prover todos os dias as necessidades da Sagrada Família com as suas mãos e, por isso, a Igreja indica-o como padroeiro dos trabalhadores. O seu testemunho demonstra que o homem é sujeito e protagonista do trabalho”.

Na ocasião, o Papa também rezou ao Santo para que, “juntamente com Maria, sua Esposa, São José vele sobre todos os trabalhadores e obtenha a serenidade e a paz para as famílias e para toda a humanidade. Fixando o seu olhar neste grande Santo, os cristãos aprendam a testemunhar, em todos os ambientes de trabalho, o amor de Cristo, fonte de solidariedade genuína e de paz estável”.

PAI E TRABALHADOR

Em outubro de 2020, o Papa Francisco, na carta apostólica *Patris corde*, recordou em um dos tópicos a figura de São José como “Pai trabalhador”.

“São José era um carpinteiro que trabalhou honestamente para garantir o sustento da sua família. Com ele, Jesus aprendeu o valor, a dignidade e a alegria do que significa comer o pão fruto do próprio trabalho”. Ainda de acordo com o Pontífice, “o trabalho de São José lembra-nos que

o próprio Deus feito homem não desdenhou o trabalho”, e por esta razão sempre é tempo de pedir ao Santo: “Nenhum jovem, nenhuma pessoa, nenhuma família sem trabalho!”.

Em 1º de maio de 2022, após a oração do *Regina Caeli*, na Praça São Pedro, Francisco fez um apelo mundial para que “o trabalho possa ser digno em toda a parte e para todos. E que o mundo do trabalho inspire a vontade de desenvolver uma economia de paz”.

ORAÇÃO A SÃO JOSÉ OPERÁRIO

(De autoria de São Pio X)

Glorioso São José, modelo de todos os que se dedicam ao trabalho, Obtende-me a graça de trabalhar com espírito de penitência para expiação de meus numerosos pecados; De trabalhar com consciência, pondo o culto do dever acima de minhas inclinações; De trabalhar com recolhimento e alegria, olhando como uma honra empregar e desenvolver pelo trabalho os dons recebidos de Deus; De trabalhar com ordem, paz, moderação e paciência, sem nunca recuar perante o cansaço e as dificuldades; De trabalhar, sobretudo com pureza de intenção e com desapego de mim mesmo, tendo sempre diante dos olhos a morte e a conta que deverei dar do tempo perdido, dos talentos inutilizados, do bem omitido e da vã complacência nos sucessos, tão funesta à obra de Deus! Tudo por Jesus, tudo por Maria, tudo à vossa imitação, oh! Patriarca São José! Tal será a minha divisa na vida e na morte. Amém!

1º de maio também é dia de Nossa Senhora do Trabalho

“Que haja muita consciência da nobreza do trabalho e que nenhum de nossos irmãos seja explorado. Abençoai, ó Virgem do trabalho, nossa sociedade, nossas famílias e a cada um de nós”. Este é um dos trechos da oração a Nossa Senhora do Trabalho, uma devoção ainda pouco conhecida, mas que tem mais de cem anos.

Em 1º de maio de 1901, na Planície de Nova Olônio, na Itália, foi celebrada pela primeira vez a festa em honra a Nossa Senhora do Trabalho, por iniciativa de São Luís Guanella (1842-1915).

Foi o fundador da Congregação das Filhas de Santa Maria da Providência e

dos Padres e Irmãos Servos da Caridade (Guanellianos) que idealizou a imagem em que a Virgem Maria aparece abençoando um agricultor e um carpinteiro. A ideia é que ao venerarem a imagem mariana, os trabalhadores se sentissem protegidos pela Mãe do Salvador e santificassem a vida pelo trabalho.

Os Guanellianos chegaram ao Brasil em 1947 e difundiram esta devoção mariana. Em 1955, foi realizada a primeira festa de Nossa Senhora do Trabalho, em Porto Alegre (RS), onde há uma paróquia sob este título mariano. Em 2024, a festa, que é parte do calendário oficial da capital gaúcha, chega à sua 70ª edição. No es-

tado, há outras duas comunidades com o título de Nossa Senhora do Trabalho, nas cidades de Canoas e Capão da Canoa.

Na Arquidiocese de São Paulo, a devoção a Nossa Senhora do Trabalho ocorre de maneira especial na Paróquia Santa Cruz, na Região Santana, que está sob os cuidados dos Guanellianos. A festa deste ano começou no domingo, 28 de abril, e será encerrada na quarta-feira, dia 1º, às 10h, na missa em que será inaugurado um nicho próprio para a imagem de Nossa Senhora do Trabalho. A matriz paroquial está localizada na Avenida Santa Inês, 2.229, no Parque Modelo. (DG)



Elizabeth Saad

‘Seguiremos juntos com a IA. É um cenário sem volta’

**FERNANDO GERONAZZO
E IRMÃ HELENA CORAZZA
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO**

Uma das conferencistas do 4º Seminário de Comunicação, promovido pelo Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPA) e Paulinas Cursos, em Parceria com a Arquidiocese de São Paulo e a Signis Brasil, entre os dias 2 e 4, a professora Elizabeth Nicolau Saad, titular sênior do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da USP, falou ao **O SÃO PAULO** sobre os desafios e perspectivas da inteligência artificial, tema 58º Dia Mundial das Comunicações Sociais, a ser celebrado em 12 de maio.

Doutora em Ciências da Comunicação, Beth Saad, como é mais conhecida, é pesquisadora nas áreas de comunicação digital e jornalismo digital, palestrante internacional e estrategista digital.

O SÃO PAULO – Como a senhora enxerga a recente evolução das tecnologias de inteligência artificial na comunicação?

Elizabeth Saad – A presença da inteligência artificial (IA) na sociedade, e claro na comunicação, não é uma novidade. O momento atual chama mais a atenção por causa do lançamento do modelo *ChatGPT*, em novembro de 2022, um aplicativo público, aberto e disponível para qualquer pessoa que tenha em mãos algum dispositivo digital – computador, celular, relógio, assistentes de voz etc. Como assistimos em momentos anteriores da internet, por exemplo, o surgimento da *web* social que permite interações entre usuários, agora a IA chega para explicitar nossa interação direta com as máquinas. Reforço que a IA sempre existiu nos bastidores dos sistemas digitais para sustentar mecanismos de busca, enquetes, dar um *like*, comentar etc. Para o campo da comunicação, temos um momento interessante, por um lado, facilitador na criação de conteúdo, imagens, formatos visuais, correlação de informações etc.; por outro lado, é um momento em que precisamos conter o entusiasmo – o *hype* [moda, tendência], em nomear tudo com o rótulo “inteligência artificial” como uma forma de passar uma imagem de *marketing*, de pioneirismo e inovação.

Quais são os principais desafios éticos que a inteligência artificial apresenta para a sociedade?

A IA é feita e operada pelo ser humano. Sua autonomia operacional é definida e limitada às necessidades de seu desenvolvedor e daquele que “encomendou” a aplicação de uso. Com isso, os desafios éticos são os mesmos que a sociedade enfrenta no seu cotidiano. A ética da IA, e dos algoritmos que a constituem, depende de como a máquina e o *software* foram instruídos pela mão humana para



ECA-USP/Departamento de Jornalismo e Editoração - CJE

realizar tal ou qual atividade, tal ou qual busca. Exemplificando: se desenvolvemos um algoritmo com razoável autonomia de aprendizado – como o *ChatGPT*, e pedimos para que este crie uma narrativa tendenciosa a respeito de um fato, e que distribua esse conteúdo por sistemas de busca ou os mensageiros tipo Telegram, resulta numa ação de IA pouco ética, que deliberadamente manipula uma informação. Considero a ética, no atual cenário da sociedade digitalizada, como o ponto central e de inflexão para seguirmos numa convivência responsável. Ainda temos muitos desafios pela frente.

Como a inteligência artificial está influenciando a maneira como consumimos e produzimos conteúdo informativo?

Atualmente, sistemas como as versões mais recentes do *ChatGPT* para textos, ou o *Midjourney* para imagens, são usados como facilitadores à produção de conteúdos. Pensando no jornalismo, tais sistemas podem fazer checagem de dados, construir listas diversas, verificar a origem e veracidade de um conteúdo já disponibilizado na rede. Com isso, o jornalista pode ter seu tempo otimizado para desenvolver aprofundamentos, investigações criteriosas, buscar fontes obscuras e gerar matérias mais bem construídas e contextualizadas. Por outro lado, sob o ponto de vista do consumo informativo, o leitor final não tem como distinguir um conteúdo criado exclusivamente por IA (a não ser que o veículo deixe essa autoria

explícita). Mas, a mídia usa a IA para fazer seus conteúdos mais contextualizados, verificados, o consumidor sai ganhando em qualidade e pertencimento social.

A inteligência artificial pode ajudar a resolver problemas de desinformação e fake news? Ou justamente o contrário: pode potencializá-los?

As duas possibilidades são reais, dependendo do uso que se faça de um sistema de IA. Não diria que a IA “resolveria” a disseminação de desinformação, mas tem o potencial de identificar sua consistência por meio de verificação de fontes e de produtores do conteúdo, estruturas de distribuição de uma notícia, comparação entre conteúdos similares, por exemplo. Ocorre que, da mesma forma e com os mesmos instrumentos, é possível potencializar a desinformação dependendo da instrução que o homem dá ao sistema inteligente.

Como as tecnologias de IA estão moldando o futuro do jornalismo e da produção de notícias?

Como afirmei anteriormente, o jornalismo pode se beneficiar em muito do uso de sistemas de IA generativa, ou seja, de sistemas que aprendem e se autoaprimoram com o uso para construir um processo mais otimizado das rotinas nas redações. Ocorre que, para que tal eficiência se instale, será preciso uma mudança cultural do campo jornalístico, com ampliação dos treinamentos dos profissionais para dialogar com a “inteligência” da empre-

sa, para investir em sistemas inteligentes confiáveis e que não sejam uma caixa preta cuja alteração dependa do “dono” ou criador do sistema. De toda forma, o futuro do jornalismo já é o agora, já vivencia a incorporação da IA em suas operações, exigindo atenção contínua e olhar em perspectiva para não perder (novamente) o bonde da inovação.

Quais são os desafios legais e regulatórios que surgem com o avanço da IA na comunicação?

A questão da regulação é complexa e uma preocupação global, pois os sistemas de IA são pautados pelo domínio de seus proprietários – as *big techs* e suas subsidiárias. O embate acerca da governança da rede envolve, de um lado, o capital neoliberal das corporações com alto interesse no controle de dados, dos governos com interesses dos mais diversos e da sociedade em geral, cuja voz é pouco considerada em vários momentos, quando deveria ser o contrário. A regulação é necessária, o cenário de IA está tomando o tecido social de forma acelerada, mas as discussões ainda estão em seus primeiros passos.

Como as preocupações com a privacidade e a segurança de dados estão sendo abordadas no contexto da inteligência artificial na comunicação?

Importante ressaltar que nossa privacidade já se perdeu há muito, embora a grande maioria das pessoas não tenha consciência disso. O simples fato de preencher um cadastro, seja no computador, seja no celular, ou utilizarmos aplicativos como o Instagram, indica que estamos enviando nossas informações para algum banco de dados que irá fazer uso disso de múltiplas formas, sem o nosso conhecimento, apesar de nossa LGPD [Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais]. Uma vez que nossos dados seguem para uma grande nuvem gerenciada por uma corporação, há que se confiar que estas tenham múltiplas camadas de segurança em seus sistemas, conexões, linhas de comunicação. Todo esse cenário incide em cada um de nós: cuidados na divulgação de informações pessoais, cliques em *links* que chegam aleatoriamente no celular, cuidados com a própria imagem ao divulgar fotos, locais, entre outros.

Por fim, na avaliação da senhora, para onde vamos com a inteligência artificial?

Seguiremos juntos com a Inteligência Artificial, como seguimos anteriormente com as mídias e redes sociais. É um cenário sem volta. Caberá ao ser humano definir se iremos autônomos e esclarecidos ou se partirmos para uma submissão desoladora. Sou otimista que seguiremos ativos e comandantes da IA.

A Igreja e a Inteligência Artificial

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

Por ser uma realidade que permeia e afeta a vida de toda a humanidade, a evolução tecnológica tem sido objeto de ponderações por parte da Igreja ao longo dos séculos.

No contexto atual, a Igreja reconhece as potencialidades que a Inteligência Artificial (IA) pode oferecer à sociedade, olhando, contudo, com cautela para estabelecer parâmetros adequados à sua utilização. Para entender como isso acontece, alguns documentos eclesiais se tornam uma fonte referencial.

COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA (CDSI)

Este compêndio faz uma síntese do que a Igreja pensa do ponto de vista técnico e tecnológico, também levando em consideração os documentos do Concílio Vaticano II. Reconhece que os resultados da ciência e da técnica são em si mesmos positivos, pois configuram-se como sinais e consequências da própria grandeza divina, tendo o homem como continu-

ador da própria criação (CDSI 456).

Além disso, frisa que “é preciso manter uma atitude de prudência e examinar com olhos atentos todo esse desenvolvimento tecnológico” (CDSI 458); e ressalta que “o ponto de referência central para toda aplicação científica e técnica é o respeito ao ser humano”, e que tal respeito “também deve se estender às demais criaturas viventes” (CDSI 459 e 460).

CARITAS IN VERITATE E LAUDATO SI'

Documentos que tratam de aspectos fundamentais em todo o processo de digitalização, tanto a encíclica *Caritas in veritate* (CV), do Papa Bento XVI, quanto a encíclica *Laudato si'* (LS), do Papa Francisco, destacam ensinamentos relacionados à questão.

O desenvolvimento tecnológico pode induzir à ideia de autossuficiência da própria técnica, quando o ser humano, interrogando-se sobre o “como”, deixa de questionar os muitos “porquês” pelos quais é impelido a agir. É preciso, portanto, uma apreciação moral e ética sobre a questão. (cf. CV 70)

Preocupa-se com o fato de que o su-

jeito vai sendo ressignificado a partir de um processo lógico-racional e, portanto, deixando de lado outros aspectos fundamentais da condição humana. Em tal paradigma, a técnica se expressa como posse, domínio e transformação de algo que estaria “fora”, como mero objeto do sujeito, como uma realidade informe, totalmente disponível para manipulação. (cf. LS 106)

Traz à consciência o que chama de “ruído dispersivo da informação”, baseado no fato de que a inteligência artificial está preparada para fornecer todo tipo de resposta, mesmo imprecisas ou incorretas, não favorecendo o desenvolvimento da capacidade de viver com sabedoria – a qual se baseia no diálogo, na reflexão e no encontro generoso entre as pessoas –, gerando aquilo que o Papa Francisco chama de “poluição mental”, constituída de uma mera acumulação de dados. (cf. LS 47)

O QUE A IGREJA AFIRMA SOBRE A IA

Em outubro do ano passado, o Papa Francisco e o Vaticano defenderam a regulamentação urgente da IA. Além disso, o Pontífice escolheu o tema “Inteligências artificiais e paz” para o Dia Mundial

da Paz de 2024, celebrado em 1º de janeiro, e a cidade-estado criou o seu próprio guia de ética e princípios para uso da IA.

O Papa Francisco e o Vaticano deixam claro que não são a favor do fim da IA, mas, sim, de estabelecer limites para o uso da tecnologia.

“É fundamental orientar a inteligência artificial e os algoritmos para que todos formem uma consciência responsável sobre o uso e desenvolvimento dessas novas formas de comunicação que se somam às das redes sociais e da internet”.

O manual com o código de ética sobre o uso da inteligência artificial do Vaticano é composto de 140 páginas e foi idealizado graças a uma parceria entre o Dicastério para a Cultura e a Educação e o Centro Markkula para a Ética Aplicada, da Universidade de Santa Clara, nos Estados Unidos.

O manual de IA do Vaticano está disponível em <https://curtlink.com/SBfNAeM>. Em inglês, conta com sete princípios orientadores da tecnologia e 46 princípios específicos. Um desses princípios é o do “Respeito pela dignidade e direitos humanos”, focado na “privacidade e confidencialidade”.

Gerd Altmann/Pixabay



MANIFESTAÇÕES DO PAPA FRANCISCO SOBRE A IA

O SÃO PAULO apresenta algumas considerações do Pontífice extraídas da mensagem alusiva ao Dia Mundial da Paz de 2024

“A inteligência é expressão da dignidade que nos foi dada pelo Criador, que nos fez à sua imagem e semelhança e nos tornou capazes, por meio da liberdade e do conhecimento, de responder ao seu amor. Esta qualidade fundamentalmente relacional da inteligência humana manifesta-se de modo particular na ciência e na tecnologia, que são produtos extraordinários do seu potencial criativo”.

“Os progressos técnico-científicos, que permitem exercer um controle – até agora inédito – sobre a realidade, colocam nas mãos do homem um vasto leque de possibilidades, algumas das quais podem constituir um risco para a sobrevivência humana e um perigo para a Casa comum”.

“A imensa expansão da tecnologia

deve ser acompanhada por uma adequada formação da responsabilidade pelo seu desenvolvimento. A liberdade e a convivência pacífica ficam ameaçadas, quando os seres humanos cedem à tentação do egoísmo, do interesse próprio, da ânsia de lucro e da sede de poder”.

“A dignidade intrínseca de cada pessoa e a fraternidade que nos une como membros da única família humana devem estar na base do desenvolvimento de novas tecnologias e servir como critérios indiscutíveis para as avaliar antes da sua utilização, para que o progresso digital possa verificar-se no respeito pela justiça e contribuir para a causa da paz. Os avanços tecnológicos que não conduzem a uma melhoria da qualidade de vida da humanidade inteira, mas pelo contrário agravam as desigualdades e os conflitos, nunca poderão ser considerados um verdadeiro progresso”.

“O impacto das novas tecnologias no âmbito do trabalho: trabalhos, que outrora eram prerrogativa exclusiva da mão-

-de-obra humana, acabam rapidamente absorvidos pelas aplicações industriais da inteligência artificial. Também neste caso, há substancialmente o risco de uma vantagem desproporcionada para poucos à custa do empobrecimento de muitos. A comunidade internacional, ao ver como tais formas de tecnologia penetram cada vez mais profundamente nos locais de trabalho, deveria considerar como alta prioridade o respeito pela dignidade dos trabalhadores e a importância do emprego para o bem-estar econômico das pessoas, das famílias e das sociedades, a estabilidade dos empregos e a equidade dos salários”.

“Numa ótica mais positiva, se a inteligência artificial fosse utilizada para promover o desenvolvimento humano integral, poderia introduzir inovações importantes na agricultura, na instrução e na cultura, uma melhoria do nível de vida de inteiras nações e povos, o crescimento da fraternidade humana e da amizade social. Em última análise, a forma como a utilizamos para incluir os últimos, isto é, os irmãos e irmãs mais frágeis e neces-

sitados, é a medida reveladora da nossa humanidade”.

“A comunidade das nações deve trabalhar unida para adotar um tratado internacional vinculativo, que regule o desenvolvimento e o uso da inteligência artificial nas suas variadas formas. Nos debates sobre a regulamentação da inteligência artificial, deve ser levada em conta as vozes de todas as partes interessadas, incluindo os pobres, os marginalizados e outros que muitas vezes permanecem ignorados nos processos de decisão globais”.

“Os progressos no desenvolvimento de formas de inteligência artificial sirvam, em última análise, à causa da fraternidade humana e da paz. Que o rápido desenvolvimento de formas de inteligência artificial não aumente as já demasiadas desigualdades e injustiças presentes no mundo, mas contribua para pôr fim às guerras e conflitos e para aliviar muitas formas de sofrimento que afligem a família humana”.

BRASILÂNDIA

Dom Carlos Silva participa de encontro com servidores do altar

EVA NASCIMENTO
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Na tarde do sábado, 27 de abril, na Paróquia Nossa Senhora das Dores, em Taipas, aconteceu o encontro dos servidores do altar dos Decanatos São Barnabé e Santa Isabel e São Zacarias, promovido pela Pastoral dos Coroinhas, Acólitos e Cerimoniários da Região Brasilândia.

A atividade, com cerca de 140 participantes, teve a assessoria de Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia; Padre Álvaro Moreira Gonçalves, Assistente Eclesiástico regional da Pastoral dos Coroinhas, Acólitos e Cerimoniários; e Padre João Henrique Novo do Prado, Reitor do Seminário Arquidiocesano Propedêutico Nossa Senhora da Assunção e Animador Vocacional da Arquidiocese de São Paulo;

O evento teve como objetivo destacar a responsabilidade do serviço na liturgia e na vida da comunidade. Foram enfatizados como pontos fundamentais aos ser-



vidores do altar a oração, a aceitação de si mesmo e as práticas da caridade e da solidariedade.

Também foram apresentados os significados das insígnias utilizadas pelo Bispo nas celebrações euca-

rísticas, bem como o momento adequado para usá-las. Também se ressaltou que a compreensão profunda e prática dos rituais litúrgicos contribui para uma participação significativa e reverente na celebração da fé.

Formação regional de liturgia mobiliza fiéis e sacerdotes nos decanatos

A Região Brasilândia realizou, de 22 a 25 de abril, a Formação Regional de Liturgia de maneira simultânea nos Decanatos São Barnabé (foto), São Filipe, Santa Isabel e São Zacarias, e São Pedro.

O evento teve o objetivo de informar, aprimorar e atualizar a comunidade paroquial com reflexões, explorando suas dimensões teológicas, pastorais e de celebrações com base no novo Diretório da Pastoral dos Sacramentos da Arquidiocese de São Paulo, publicado em janeiro de 2024. E, para ampliar o alcance, os encontros foram transmitidos ao vivo pelo perfil do Facebook da Pascom Brasilândia.

A formação contou com a assessoria

do Padre Sílvio Costa Oliveira, Assistente Eclesiástico regional de Iniciação à Vida Cristã; Padre Rafael de Araújo Nolli, Administrador Paroquial da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Vila Souza; Padre Jefferson Mendes de Oliveira, Pároco da Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório, na Região Ipiranga; Padre Álvaro Moreira Gonçalves, Assistente Eclesiástico regional da Pastoral da Liturgia; e Irmã Veronice Fernandes, da Ordem Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre. Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia, visitou cada um dos locais da formação. (EN)



Isadora Felix

Capela São Marcos completa 20 anos de evangelização



Wellington Tomas

ROBSON LANDIM
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Em 25 de abril, os fiéis da Capela São Marcos, pertencente à Paróquia Nossa Senhora das Dores, no Decanato Santa Isabel e São Zacarias, celebraram a festa do padroeiro e os 20 anos de sua fundação. Durante a semana, um tríduo preparatório aconteceu com a presença de diversos sacerdotes.

A Capela, localizada no Sítio Botuquara, em Taipas, está aos cuidados da Comuni-

dade Aliança de Misericórdia. Os trabalhos pastorais e de ação social são coordenados pelo Diácono Denilson Dulianel.

Dom Carlos Silva, OFMCap., presidiu a missa votiva e abençoou o novo altar e o novo ambão, conquistados após longa reforma na Capela, e as novas salas construídas para atividades ali desenvolvidas com o apoio de leigos da Aliança de Misericórdia. A Eucaristia foi concelebrada pelos Padres Evandro Torlai, Ênio José e João Fernando, da Aliança, com a assistência do Diácono Denilson.



Patrícia Beatriz Lopes

Em 23 de abril, na segunda noite da novena do padroeiro da **Paróquia São Luís Maria Grignon de Montfort**, Decanato São Barnabé, Dom Carlos Silva, OFMCap., presidiu missa, durante a qual destacou que o Santo foi modelo de sacerdote missionário e deixou muitos exemplos, tais como a verdadeira catequese, o amor aos pobres e doentes. Trazia consigo o Terço e a cruz como símbolo de cristão, pregava a conversão dos pecadores e a verdadeira devoção a Nossa Senhora. O dia do padroeiro foi solenemente celebrado no domingo, 28 de abril.

(por Patrícia Beatriz Lopes)



Marcos Rubens Ferreira

Na manhã da sexta-feira, 26 de abril, o **clero atuante na Região Brasilândia** esteve reunido na Paróquia Nossa Senhora das Graças, Decanato de São Filipe, com Dom Carlos Silva, OFMCap. Foi realizada uma formação com o Frei André L. Boccato, OP, dominicano, doutor e professor de Teologia na PUC-SP, sobre a declaração *Dignitas infinita*, publicada em abril pelo Dicasterio para a Doutrina da Fé. (por Jéssica Regina Agio Mendonça e Marcos Rubens Ferreira)

Iniciou no sábado, 27 de abril, a turma de 2024 da **Escola Bíblico-Catequética São José de Anchieta** da Arquidiocese de São Paulo. Na Região Brasilândia, os encontros mensais são na Paróquia Santos dos Apóstolos. O primeiro teve a assessoria de Dom Carlos Silva, OFMCap.; Padre Sílvio Costa Oliveira, Assistente Eclesiástico regional de Iniciação à Vida Cristã; Padre Rafael de Araújo Nolli, Coordenador e Assessor regional para Escola Bíblico-Catequética. (por Eva Nascimento)

IPIRANGA



Pascom paroquial

Dom Ângelo Ademir Mezzari preside missa pelos trabalhadores

PASCOM REGIONAL

Em comemoração do Dia do Trabalho, a Pastoral Operária da Região Ipiranga e a Casa da Solidariedade, cujo principal objetivo é atender às pessoas em situação de desemprego, organizaram dois momentos celebrativos.

No sábado, 27 de abril, na Casa da Solidariedade, aconteceu um ato ecumênico para celebrar o Dia da Trabalhadora Doméstica, com momentos de oração e partilha.

No domingo, 28, na Paróquia Nossa Senhora das Graças, Decanato São Mateus, foi celebrada a Missa pelos Trabalhadores (foto), presidida por Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, e concelebrada por Padre Benedito Vicente de Abreu, Pároco e Assessor Eclesiástico da Pastoral Operária na Região.

Na mesma ocasião, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga conferiu o sacramento da crisma a 12 jovens paroquianos.

A **Marcha de Ozanam**, organizada pela Comissão de Jovens do Conselho Metropolitano de São Paulo da Sociedade São Vicente de Paulo, aconteceu no sábado, 27 de abril, e reuniu 700 pessoas nas imediações da matriz da Paróquia São Vicente de Paulo, Decanato Santo André. O evento acontece todos os anos para lembrar a dedicação dos vicentinos à caridade, exemplo deixado pelo fundador do movimento, o Beato Frederico Ozanam. Como gesto concreto da Marcha, cada participante foi convidado a doar itens de higiene que serão utilizados pelo trailer do Banho Vicentino. Após caminhada pelas ruas do Moinho Velho, foi celebrada a missa, presidida por Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, e concelebrada pelos Padres João Carlos Iankoski Pontes, CM, Pároco, e Tito Marega, SV. *(Pascom regional)*



Pascom paroquial



Pascom paroquial

A **Paróquia Nossa Senhora da Esperança**, Decanato São Mateus, realizou de 25 a 28 de abril um tríduo litúrgico, oração do Terço e procissão em honra à sua padroeira. Na abertura do tríduo, também foi comemorado o aniversário natalício do Padre Uilson dos Santos, Pároco. No domingo, 28, Festa de Nossa Senhora da Esperança, foi celebrada nas missas das 8h30 e 11h. Antes da celebração das 18h, aconteceu a procissão com a imagem mariana restaurada pelas ruas do bairro de Moema, encerrando as festividades de Nossa Senhora da Esperança, cujo memória litúrgica é celebrada em 26 de abril.

(Pascom regional)



Pastoral Familiar

No sábado, 27 de abril, cerca de 60 pessoas participaram de uma formação promovida pela **Pastoral Familiar da Região Ipiranga** – Setor Pré-Matrimonial, na Sede da Região Episcopal. Padre Antônio de Lisboa Lustosa Lopes, Pároco da Paróquia São João Clímaco, explanou sobre os itinerários catecumenais para a vida matrimonial. Na segunda parte da formação, Maria Leonice (Leo) e Roberto Mariannini, casal referência para o Setor Pré-Matrimonial no Sub-São Paulo, apresentou documentos e caminhos para a preparação e acompanhamento personalizado dos casais que buscam o sacramento do Matrimônio. Após a partilha e testemunhos de formações para noivos que acontecem nas paróquias da Região, Frei José Maria Mohamed Júnior, Assessor Eclesiástico regional da Pastoral Familiar, encerrou o encontro com um momento orante.

(Com informações da Pastoral Familiar regional)



Laíze Teixeira

Uma nova turma da **Escola Bíblico-Catequética São José de Anchieta** teve início no sábado, 27 de abril, com a palestra “Vocação e identidade do catequista”, ministrada por Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga. Neste ano, participam dos encontros da Escola São José no auditório do campus Ipiranga da PUC-SP candidatos ao ministério da Catequese das Regiões Belém e Ipiranga.

(Pascom regional)

A **Paróquia São João Batista**, Decanato São Mateus, recebeu a Irmã Helena Corazza, FSP, para uma tarde de reflexão com os paroquianos no sábado, 27 de abril, com o tema “Acolhimento missionário por meio da comunicação — ver e perceber para poder cuidar”. A Irmã destacou que “comunicar é acolher; e acolher é um ato de amor”. Todos que participaram puderam se atentar aos erros e acertos que cometiam. Ela afirmou: “Todos devem olhar o exemplo de Jesus e a forma com que Ele acolhia/acolhe sem julgamentos, buscando melhorar nossa relação com o próximo dentro e fora da Igreja”.

(por Vitória de Paula)

SANTANA



Marcelo Fagner

No domingo, 28 de abril, em missa presidida por Dom Jorge Pierozan na **Paróquia Santa Dulce dos Pobres**, Decanato São Matias, 37 jovens e adultos receberam o sacramento da Crisma. Concelebrou o Padre Lucas Gobbo, CR, Pároco. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana exortou os fiéis a “amar como Jesus amou”, destacando que amar também envolve sofrer pelo próximo. Ele pediu que os católicos permaneçam unidos como família de Deus e como Igreja pregadora da salvação. (por Pascom paroquial)



Denilson Rabelo

Em missa na noite do sábado, 27 de abril, na **Paróquia Nossa Senhora da Luz**, Decanato Santo Estêvão, no Tucuruvi, Dom Jorge Pierozan conferiu o sacramento da Crisma a 16 jovens e adultos. Concelebraram os Padres Valdeir Cortezi, Pároco; Jairo dos Santos Bezerra, Vigário Paroquial, com a assistência do Diácono Márcio José Ribeiro. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana expressou o desejo de que as futuras gerações estejam diante de Deus para adorá-Lo. (por Denilson Rabelo)



Fernando Fernandes

Dom Jorge Pierozan conferiu o sacramento da Crisma a cinco adultos no domingo, 28 de abril, durante missa na **Paróquia São Paulo Apóstolo**, Decanato São Tiago de Zebedeu, concelebrada pelo Padre Alan dos Santos Leite, Vigário Paroquial, com a assistência do Diácono Marcelo Reis. (por Fernando Fernandes)



Luanna Santana e Afonso Noboru Hatyia

Na tarde do sábado, 27 de abril, na **Paróquia Nossa Senhora Consolata**, Decanato São Judas Tadeu, 26 jovens receberam o sacramento da Crisma, em missa presidida por Dom Jorge Pierozan, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana, e concelebrada pelo Padre Cláudio Cobalchini, IMC, Pároco. (por Simone Arruda)

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

Diariamente, no site do jornal **O SÃO PAULO**, você pode acessar notícias sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Em maio, Papa Francisco pede que a Igreja reze pelos religiosos consagrados e os seminaristas

<https://curtlink.com/nDJtgiS>

Papa: a paz começa no coração de cada um, quando decidimos perdoar

<https://curtlink.com/kNjbBa>

Brasil passa de 4 milhões de casos de dengue

<https://curtlink.com/wrrXME>

CNBB publica nota sobre as saídas temporárias de pessoas privadas de liberdade

<https://curtlink.com/pAAJMu>

Ataque a comunidade cristã deixa 29 mortos na Nigéria

<https://curtlink.com/RCwNymZ>

Por que os católicos veneram a Mãe de Deus?

<https://curtlink.com/5pQspDI>

SÉ



Simone Mavignier

A **Pastoral Familiar da Região Sé** realizou, em 24 de abril, uma noite de formação com o tema “A Transmissão da Revelação Divina na Sagrada Escritura”. A palestra foi proferida pelo casal Mirella Marino Sanches e Roberto Galdieri, sob a supervisão do Padre Alesandro de Borbón, Assistente Eclesiástico regional. (por Bráulio Gonçalves)



Luiz Naoyuki Ujikawa

Nos dias 27 e 28 de abril, na **Paróquia Santíssimo Sacramento**, Decanato São João Evangelista, realizou-se o **191º Encontro de Casais com Cristo - 1ª Etapa**, cujo objetivo é o acolhimento do Cristo no centro da família, fortalecendo a Igreja doméstica. O encontro encerrou-se com a missa presidida pelo Padre Sergio Bradanini, Pime, Colaborador na Paróquia. (por Cassiano e Norma Pesce)

Em 14 de abril, iniciou-se na **Paróquia Sagrado Coração de Jesus em Sufrágio das Almas**, Decanato São Paulo, as visitas às famílias, com a entronização do quadro do Sagrado Coração de Jesus. Em particular, Jesus prometeu a Santa Margarida Maria Alacoque: “Abençoarei os lares em que uma imagem de Meu Coração estiver exposta e sendo venerada”. Aqueles que desejarem ter esse momento em suas famílias, podem entrar em contato com a secretaria paroquial ou pelo WhatsApp (11) 3228-9988. (por Pascom paroquial)

Em 20 de abril, mais de 50 **coordenadores paroquiais dos ministros extraordinários da Sagrada Comunhão (MESC)s** da Região Sé reuniram-se na Paróquia Santa Generosa, Decanato São Tiago de Alfeu, para um momento de formação e oração, conduzido pelo Cônego Helmo Faccioli, Assistente Eclesiástico dos MESC)s. Baseado nas “Orientações para os ministros extraordinários da Sagrada Comunhão”, o Cônego recordou algumas orientações sobre o mandato dos MESC)s, bem como a indicação, a duração e onde devem exercer este ministério. (por Secretariado de Comunicação Regional)

Na sexta-feira, 26 de abril, a **Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**, Decanato São Tomé, celebrou seu 3º Terço da Família, uma iniciativa do Terço dos Homens, que se reúne todas as sextas-feiras, às 19h. Na última sexta-feira de cada mês são convidados todos os paroquianos para este momento de espiritualidade. Outras informações podem ser obtidas na secretaria paroquial pelo telefone: (11) 3083-0033. (por Pascom paroquial)

BELÉM

Associação Amparo Maternal inaugura Serviço de Assistência Social à Família na zona Leste

FERNANDO ARTHUR
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Na quinta-feira, 25 de abril, a Associação Amparo Maternal e o projeto Solicitude inauguraram o espaço de atendimento no Serviço de Assistência Social à Família (SASF), em Sapopemba, zona Leste de São Paulo. O SASF Sapopemba III atenderá mil famílias da região.

Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu missa na Capela Nossa Senhora Aparecida, pertencente à Paróquia Santa Adélia, para marcar a inauguração. Concelebraram os Padres Jônatas Mariotto, Pároco, e Nicolò Stauble, Vigário Paroquial, com a assistência do Diácono Nilson Amâncio.



Comunicação Amparo Maternal

Na homilia, Dom Cícero recordou que a Igreja não faz assistência social, mas, sim, caridade: “A caridade, se pu-

déssemos entendê-la de maneira vulgar, poderíamos dizer que é o amor colocado em prática. Vamos ao encontro dos ir-

mãos e irmãs que mais necessitam porque, exatamente, Jesus disse: ‘Eu estive nu, eu estive com fome, eu estive com sede, eu estive preso, eu recebi comida, eu recebi água, eu recebi visita’. A cada irmão e irmã que nós socorremos, é Jesus que bate à nossa porta”.

No final da celebração, Paula Lorenna Alves Pirolo, diretora-presidente do Amparo Maternal, ressaltou que os missionários da Redenção e o Amparo Maternal se comprometem com o serviço aos pobres.

Após a missa, Dom Cícero foi ao SASF Sapopemba III e abençoou o espaço. Ele recordou as inúmeras carências da sociedade e afirmou que para os católicos os mais pobres representam o próprio Cristo.



Pascom paroquial

Na noite da sexta-feira, 26 de abril, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu missa na **Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho**, Decanato Santa Maria e São José, por ocasião da festa da padroeira. Concelebraram os Padres Gildásio Lima Tanajura, CSS, Pároco, e Adil da Silva, CSS, Vigário Paroquial.

(Por Fernando Arthur)

De 26 a 28 de abril, aconteceu, na Paróquia Santa Adélia, Decanato São Timóteo, o 58º Encontro de Casais com Cristo de III Etapa, com a presença de dezenas de casais das paróquias e comunidades da Região Episcopal. O encontro teve como objetivo despertar para o trabalho social nas paróquias e comunidades da Região. No domingo, 28 de abril, Dom Cícero Alves de França encontrou-se com os casais e realizou uma palestra e um momento de espiritualidade.

(Por Nilton Gomes)



Pascom paroquial

No domingo, 28 de abril, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia São Marcos Evangelista**, Decanato Sant'Ana e São Joaquim, encerrando as festividades do padroeiro. Concelebraram os Padres Irineu Dossou, SVD, Pároco; José Dilon, SVD, e Joji Raju, SVD, Vigários Paroquiais. Antes da celebração, os fiéis realizaram uma **procissão pelas ruas do bairro**. Durante a missa, foram apresentados os membros da Comissão Paroquial de Assuntos Econômicos (CPAE) e do Conselho Paroquial de Pastoral (CPP).

(Por Fernando Arthur)

LAPA



Pascom paroquial

No sábado, 27 de abril, em missa na **Paróquia Sagrado Coração de Jesus**, do Parque Continental, Decanato São Bartolomeu, o Cardeal Odilo Pedro Scherer conferiu o sacramento da Crisma a 54 jovens e adultos. Concelebrou o Padre Pedro Augusto Ciola de Almeida, Pároco. No começo da missa, o Arcebispo Metropolitano suplicou a Deus para que os crismandos recebessem os dons do Espírito Santo, preparando-os para dar mais um passo no caminho da fé por meio do sacramento da Crisma.

(por Benigno Naveira)

Em 7 de abril, na **Paróquia Santa Luzia**, na Vila Jaguari, Decanato São Tito, 45 crianças receberam a **primeira Eucaristia**, sendo dez da igreja matriz e 35 da Comunidade Nossa Senhora Aparecida, em missa presidida pelo Padre Eduardo Augusto de Andrade, Pároco.

(por Benigno Naveira)

Em 14 de abril, na **Paróquia Santa Maria Goretti**, na Vila Gomes, Decanato São Bartolomeu, 45 crianças receberam a **primeira Eucaristia** durante missa presidida pelo Padre Geraldo Evaristo da Silva, Pároco.

(por Benigno Naveira)



Pascom paroquial

Os fiéis da **Comunidade Santo Expedito**, uma das 14 comunidades da Paróquia Nossa Senhora das Graças, no Morro Doce, Decanato São Tito, comemoraram o dia do padroeiro, em 19 de abril, participando da procissão e da missa presidida pelo Padre Airton de Almeida, RCJ, Pároco.

(por Benigno Naveira)

O **Conselho Regional de Pastoral (CRP) da Região Lapa** esteve reunido no sábado, 27 de abril, na Paróquia Nossa Senhora da Lapa. A atividade foi conduzida por Dom Carlos Lema Garcia, Bispo auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, e pelo Padre João Carlos Deschamps, Vigário Geral Adjunto. Padre Geraldo Raimundo Pereira, Assistente Eclesiástico regional da Animação Bíblico-Catequética, falou sobre a Escola Bíblico-Catequética São José de Anchieta; Padre Deschamps tratou sobre os encontros bíblicos; Marlene e Tiemi discutiram sobre a participação das paróquias da Região Lapa na Romaria Arquidiocesana ao Santuário Nacional de Aparecida, que acontecerá em 5 de maio; e, por fim, Dom Carlos Lema destacou a preparação para a celebração arquidiocesana de **Corpus Christi**, que acontecerá em 30 de maio.

(por Benigno Naveira)

Filme 'Guadalupe: Mãe da Humanidade' estreia nos cinemas brasileiros

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A história de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira do México e da América Latina, chega aos cinemas brasileiros na quinta-feira, 2. Dirigido por Andrés Garrigó e Pablo Moreno, o filme "Guadalupe: Mãe da Humanidade" traz testemunhos e uma recriação ficcional do relato original das cinco aparições da Virgem Maria, vivida pela atriz Angélica Chong, ao indígena asteca Juan Diego, interpretado pelo ator Mario Alberto Hernández.

A sessão de pré-estreia do filme aconteceu na segunda-feira, 29 de abril, no Cinemark do Shopping Cidade de São Paulo, na capital paulista. O evento contou com a presença do espanhol Andrés Garrigó e de personalidades do mundo católico, entre as quais o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo (foto abaixo).

Produzido pela Goya Producciones e distribuído no Brasil pela Kolbe Arte Produções, o filme foi gravado no México, Estados Unidos e Alemanha.

O longa-metragem documental apresenta histórias de milagres da Virgem de Guadalupe nos Estados Unidos e no México, assim como na Alemanha, uma referência ao título do documentário que reconhece o impacto de Nossa Senhora de Guadalupe até mesmo muito longe do Monte Tepeyac, no México, onde ocorreu a aparição.

DEVOÇÃO

Em entrevista ao **O SÃO PAULO**, Andrés Garrigó explicou que a mensagem básica do filme é que a Virgem de Guadalupe, como Mãe de todos, mostra que ajuda, e ajudará, todos os seus filhos. Pede apenas uma coisa: confiança. "Espero que este filme toque muitos corações e vidas, que as pessoas se alegrem e recebam o consolo da Virgem e que haja amor e esperança. Que ela seja inspiração. Essa aparição ocorreu há 500 anos, mudou a vida de um continente e sua forma de viver e fortaleceu a fé. Espero recriar no coração das pessoas de hoje o efeito maravi-



lhoso que as aparições da Virgem de Guadalupe tiveram no México em 1531".

Ele enfatizou que a Virgem de Guadalupe tem muitos aspectos, mas, sem dúvida, destaca-se o fato de ser o único caso em que Nossa Senhora deixa uma foto sua plasmada em uma tela em um manto que dura tanto tempo, e alguns símbolos tiveram que esperar cinco séculos para serem decifrados, como suas pupilas que refletem os 13 personagens que assistiram àquele evento milagroso, quando São Juan Diego entrega as flores.

CHAMADO

O diretor contou, ainda, que encontrar uma atriz que transmitisse uma imagem de pureza típica da Santíssima Virgem foi um grande desafio, porém, a primeira das quatro atrizes apresentadas foi a que cumpriu os requisitos — incluindo simpatia e franqueza, bem como semelhanças físicas.

"Ela nos contou que era 'guadalupana' e que naquele momento da seleção sua mãe estava orando por ela. No final, pareceu um presente da Virgem", lembrou.

Outro dos primeiros frutos deste trabalho foi que um dos roteiristas, um jovem, descobriu o seu chamado ao sacerdócio e atualmente está no seminário. "Temos vários 'milagres', pequenos e grandes, que ocorreram durante as filmagens", narrou Garrigó. Um deles foi o cenário da primeira aparição no qual, segundo as previsões, choveria forte, porém, o céu clareou, o sol apareceu e eles conseguiram registrar essa cena por três horas. Ao final, o céu escureceu e começou a chover.

Dom Odilo elogiou a iniciativa do filme e ressaltou que a obra ajudará a difundir entre os brasileiros a devoção à Padroeira da América Latina, especialmente na preparação do quinto centenário de suas aparições.

A pré-estreia também contou com a participação da cantora Ziza Fernandes, que interpretou a versão brasileira da música-tema do filme, "Acaso não estou eu aqui".

Para saber mais sobre o filme e os locais de exibição, acesse: <https://guadalupefilme.com.br/>.

Venha transformar o seu futuro!

Paroquianos da Arquidiocese de São Paulo possuem **35% de desconto** em cursos de Graduação e Pós-Graduação do UNIFAI.

O benefício é concedido aos candidatos que apresentarem carta de indicação* de sua Paróquia no ato da matrícula.

*Carta assinada e em papel timbrado da Paróquia, que contenha o encaminhamento para que o candidato seja contemplado com a condição especial conferida aos paroquianos.

www.unifai.edu.br

Rua Afonso Celso, 711 (próx. Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana - (11) 5087-0187



Visita do Papa a Veneza é expressão de encontro por meio da cultura e da fé

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO, EM ROMA

Foram cinco horas intensas de visita a uma das cidades mais bonitas e emblemáticas do mundo: Veneza, a grande vila onde se circula em barcos em vez de carros (foto), em pontes em vez de estradas. Veneza é um “lugar de encontro e trocas culturais”, disse o Papa Francisco no domingo, 28 de abril. É também “uma terra que faz irmãos” e pode ser um símbolo de “beleza acessível a todos, a partir dos últimos”. Os canais de Veneza representam a unidade e a proximidade, refletiu ele.

O motivo principal da visita do Papa a Veneza foi a inauguração do pavilhão da Santa Sé na Bienal de Artes. A Bienal, como o próximo nome diz, é uma exposição internacional de arte que ocorre a cada dois anos.

Na Bienal, diferentes países e instituições montam um “pavilhão”, que é uma mostra artística temática aberta, em algum ponto da cidade-sede. Esta é a terceira vez que a Santa Sé apresenta um pavilhão na Bienal – as anteriores foram em 2013 e 2015.

O Cardeal José Tolentino de Mendonça é o responsável pela mostra da Santa Sé, que neste ano foi montada em uma prisão feminina de Veneza, a qual o Papa visitou no domingo. A exposição foi dedicada aos direitos humanos e ao tema da



marginalização. Toda a Bienal, porventura, foi curada pelo brasileiro Adriano Pedrosa, diretor do MASP, em São Paulo.

MOMENTOS CENTRAIS

Durante sua passagem por Veneza, o Papa, além da celebração da Eucaristia, reuniu-se com as cerca de 80 detentas da prisão onde foi montada a instalação da Bienal, dialogou com artistas na capela da prisão (Igreja da Madalena) e com os jovens em uma praça veneziana.

Às presas, ele disse que embora o cárcere seja uma situação de sofrimento, pode ser também oportunidade de redenção. “A reclusão pode ser o início de algo novo”, afirmou. “Todos temos erros a serem perdo-

ados. É preciso não fechar as janelas para o futuro”, disse.

Aos artistas, ele afirmou que a arte é capaz de unir os povos. Ela nos “educa” a ter um olhar aberto para o outro, o diferente, os pobres, um olhar “contemplativo” e não superficial, definiu, expressando, ainda, que a arte de hoje deve se concentrar nas expressões femininas, “coprotagonistas da aventura humana”.

Francisco convidou os jovens a abrir-se às “surpresas de Deus”. Como Veneza, somos todos “belos e delicados ao mesmo tempo”, disse. Deus, portanto, nos compreende assim, como “uma fragilidade a ser cuidada”. Não se concentra nos nossos erros e nos ajuda a “estar em pé” e a ser, também nós, “criadores de beleza”.

O Sínodo escuta as experiências dos párocos

Convidados pelos bispos de diversas partes do mundo, 300 párocos se reúnem esta semana em uma casa de retiros em Sacrofano, nos arredores de Roma, para participar de um encontro de diálogo, oração e discernimento. O evento, que prossegue até a quinta-feira, 2, é organizado pela Secretaria Geral do Sínodo em colaboração com o Dicastério para o Clero e o Dicastério para as Igrejas Orientais.

Trata-se de uma resposta a um pedido de muitos párocos que participam do atual processo sinodal, no contexto do Sínodo sobre a Igreja sinodal. Eles diziam que carecem de oportunidades para partilhar seus pensamentos e experiências de vida e de pastoral. Com o consentimento do Papa Francisco, a Secretaria Geral convidou, portanto, alguns representantes que refletem a universalidade da Igreja, provenientes de diferentes contextos – rurais, urbanos e multiculturais.

O encontro “Os párocos pelo Sínodo” também tem como objetivo ajudá-los a compreender que o processo sinodal pode, e deve, ser aplicado no dia a dia das igrejas locais. A contribuição oferecida pelos párocos, após reflexão, conversas espirituais e celebrações litúrgicas, será uma das fontes principais para preparar o *Instrumentum laboris* (instrumento de trabalho) da assembleia sinodal a ser realizada em outubro, no Vaticano.

Na quinta-feira, 2, os padres partem juntos de Sacrofano e voltam a Roma, onde terão um momento de encontro e diálogo com o Papa Francisco.

Representando a Igreja do Brasil, há quatro sacerdotes: Padre Eliezer César de Paica, da Diocese de Imperatriz (MA); Padre Ricardo Pinto, da Arquidiocese de São Paulo; Padre Ivanir Antonio Rampon, da Arquidiocese de Passo Fundo (RS); e Padre Vitor Hugo Silva do Espírito Santo, da Arquidiocese do Rio de Janeiro (RJ). (FD)

PIPOLI AGLIANICO DEL VULTURE
Terra, vino e passione.

APRECIE COM MODERAÇÃO

FANTINI

CAMPAIGN FINANCED ACCORDING TO EU REG. NO. 1308/2013



ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

123ª ROMARIA A APARECIDA

“Maria, vem conosco caminhar”

05 DE MAIO DE 2024

10h, Missa na Basílica

**PARTICIPE:
informe-se na
sua paróquia**

